

Eléy tí ó bá dé òde isálayé
Quando esse vem para a imensidade desse mundo.

4 – Omode quequerê - crianças no candomblé

por que? como? o quê se aprende? quem ensina?

Os pés ainda pequenos vão gingando, as crianças estão nas rodas de santo do barracão, nas obrigações no terreiro e nas festas. Mãos ainda bem pequenas batem os atabaques na batida certinha para convocar os orixás. Quando conheci Ricardo Nery, o menininho gorducho de apenas quatro anos me impressionou pela força com que batia o atabaque. Ao fazer isso, às vezes Ricardo segura uma das varas (*atorí*) com a boca e toca o couro do tambor com as costas da mão direita. Mãe Palmira me disse que ninguém ensinou Ricardo a bater assim. “*É um gesto ancestral*”, me revelou a Mãe-de-santo, ainda em 1992.

Depois de Ricardo, conheci Paula Esteves, e Tauana dos Santos. Anos mais tarde conheci Joyce, Joseane e Jailson dos Santos. Quando soube que no terreiro de Mãe Beata se iniciavam crianças com um mês de idade fui até lá e encontrei a menina de Obaluaê¹ e Noam Moreira, bem como algumas outras crianças dessa casa. E, quase no finalzinho da pesquisa, quando já preparava esse texto, conheci Alessandra, irmã de Michele e Felipe, de 8 anos.

As crianças estão no terreiro e desempenham funções como os adultos. Muitas são iniciadas e algumas, depois de um longo aprendizado, estão preparadas para receberem os orixás. Apesar de já existir muita bibliografia sobre o candomblé, existe muito pouca, ou quase nenhuma bibliografia no Brasil sobre a iniciação infantil.² Se esse fato é um desafio, também é um estímulo. Por que uma

¹ Seu nome será preservado a pedidos dos pais.

² Existe, contudo, um importante trabalho a respeito da experiência de educação infantil na Mini Comunidade Oba Biyi, em Salvador. O livro “Abebe, a criação de novos valores na educação” (2000), é resultado da pesquisa realizada pela professora Narcimária Correia do Patrocínio Luz. Nele, a autora não descreve os ritos de iniciação da criança no candomblé. O enfoque de sua pesquisa recai sobre o que chama de “experiência pioneira de educação pluricultural”, realizada na comunidade Oba Biyi, no terreiro Ilê Axé Opô Afonja. Também em Beniste (2002), encontrei alguma descrição sobre a educação de crianças em terreiros.

criança é iniciada? Como acontece esse aprendizado? O que se aprende no terreiro? Descrever esse processo é o objetivo desse capítulo.

4.1 - A iniciação³

“Iniciar-se no candomblé significa começar uma nova vida que será inteiramente dedicada ao orixá. Significa constituir uma nova família, a família-de-santo. Tudo na vida da pessoa muda, ela ganha, inclusive, um novo nome”, afirma Mãe Palmira. Para ser iniciado no Ile Omo Oya Legi o tempo de recolhimento no roncó⁴ (Ilé Àsé ou Hunko) é o mesmo tanto para o adulto como para uma criança ou adolescente. Ao todo são 17 dias de reclusão total que começam a ser contados no dia da entrada até o dia da festa da saída. Durante esse tempo, Mãe Palmira explica que ocorrem diversos rituais que não poderão ser revelados em detalhes. Descreveremos então apenas o que for permitido pela mãe-de-santo.

De acordo com Palmira de Iansã, no dia escolhido para entrada do (a) iaô ele (ela) estará com roupas velhas e chamadas profanas. *“Todos os assentamentos do santo da pessoa que se inicia passam por um ritual de “cantar as folhas”, ou seja, de louvar Ossaim⁵, lavando todos os apetrechos de santo. É com essa água das folhas que a cabeça do iaô será lavada. Logo depois, esse iaô será levado a um dos quartos onde se colocará de joelhos e se realizará uma cerimônia chamada de Karô, que significa silêncio. É quando o iniciado irá fará um juramento sobre uma série de compromissos que incluem respeito aos mais velhos, à casa, à liturgia do candomblé. É onde começa o segredo da iniciação. Depois esse iaô (sendo criança ou não) será levado por sua Mãe-Pequena para que ele tome a benção a todas as pessoas que encontrar seja criança, adultos, idosos. Além disso, ele irá tomar a benção, à galinha d’angola, ao cachorro, aos animais que encontrar. Por que? Porque ele começa a aprender que é parte da*

³Iberê (ritual de iniciação). Beniste, 2001, p.161.

⁴No roncó (quarto) é colocado uma esteira forrada com lençol branco. É nesta esteira que o iniciado sentará e dormirá todo o tempo do recolhimento.

⁵ Ossaim é o senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida.

natureza. Em seguida ela faz o bori da iniciação e depois o banho ritual, do lado de fora do barracão e virá com uma quartinha (um pote de barro) onde ele ou ela colherá a água, que é o símbolo da vida. Depois disso ele retorna ao barracão onde tomará o banho de ervas ainda usando sua roupa velha, que será rasgada em seguida simbolizando que, a partir da iniciação, tudo será novo. A água da quartinha colhemos de um poço ou de um rio. Ele toma banho ainda com sua roupa velha que em seguida só depois será rasgada. Aquele que está se iniciando será envolvido em panos brancos e, em seguida, usará uma roupa virgem. Só então ele ou ela se dirigirá para o quarto onde será feita a iniciação. Arriamos o **aperê**, que é um banco sacramentado contendo os elementos de axé onde a pessoa que está sendo iniciada sentará para fazer a limpeza da cabeça que é a raspagem, precedida pela lavagem da cabeça com sabão-da-costa”, revela Mãe Palmira.

É nesse recolhimento que ocorrem as bases dos ensinamentos do candomblé e onde a pessoa que se inicia também será observada e orientada a fim de aprender a controlar as manifestações de seu santo⁶. A criança também fica recolhida e, em raríssimos casos, poderá sair. Por exemplo, se ela estiver sendo iniciada para um orixá cujo quarto fica dentro do barracão, poderá circular no barracão quando neste não estiver acontecendo nada de importante. Se recolher para os orixás cujos quartos estão no quintal do terreiro já não poderá. No terreiro de Palmira de Iansã as crianças podem ser iniciadas a partir de dois anos. “Em raríssimos casos, se o orixá determinar e for caso de vida ou de morte, inicio com menos”, afirma a mãe-de-santo.⁷

Beniste também explica que “*bólónan*” (bolar no santo) é a primeira manifestação de um Òrisá numa pessoa e que ocorre geralmente de forma bruta e sem qualquer previsão.

Pode ser durante uma festa ao se cantar para um determinado Òrisá; a pessoa é vítima de tremores e sobressaltos, caindo no chão inconsciente. Este momento é visto como um apelo do Òrisá à iniciação. Bolar vem de embolar, e é uma forma alterada do yorubá

⁶ Veremos mais adiante que uma ekedi também recolhe (por menos tempo) para ser confirmada, mas não “vira” no santo, assim não há a necessidade, neste caso, desse tipo de orientação para as ekedis.

⁷ Ver mais adiante que no terreiro de Beata de Iemanjá as crianças podem ser iniciadas a partir de 1 mês de idade.

Bólona(n), Bó, cair + lónan(n), no caminho. Nesses casos, a dirigente a cobre com um pano branco e ela é carregada para o interior da casa. Lá é desvirada e comunicada. Se desejar, já permanecerá para a iniciação. Na maioria das vezes volta para casa, ficando o assunto para ser decidido mais tarde. (Beniste, 2001, p.163).

De acordo com Beniste, se permanecer no terreiro, será na qualidade de *Abíyán*, ou seja, uma aspirante. Mãe Palmira diz que em seu terreiro é assim que acontece. Ela acrescenta ainda que este pode ser também o primeiro indício de que uma criança ou adolescente irá “bolar” no santo, além de outros inúmeros sinais que veremos detalhadamente nos depoimentos das próprias crianças e adolescentes entrevistados e observados.

4.1.2- A raspagem da cabeça e outros rituais⁸

A raspagem da cabeça⁹ é, mais uma vez, a indicação de que o iniciado nasce para uma nova vida dedicada ao orixá e à religião. *“Raspamos a pessoa para limpar sua cabeça, mas nem todos precisam raspar. A criança, em geral, não raspa a cabeça. Elas não têm nada sujo. Mas às vezes o orixá determina a raspagem e então a criança raspa sim. Tira-se uma mecha do cabelo na frente da cabeça, logo acima da testa (considerado nascente), tira-se, sempre com a navalha, outra mecha na parte de trás da cabeça, próximo à nuca (Ikoko ori), tira-se do lado direito e do lado esquerdo também. Além disso, a iaô também deverá raspar uma mecha bem no centro, no alto da cabeça onde é a entrada de energia. Ali será colocado o Osù, uma massa preparada com diversos elementos de força, do axé, recolhidos dos reinos mineral, vegetal e animal”*, explica a Mãe-de-santo.

A criança, insiste Mãe Palmira, não tem necessidade de raspar a cabeça, mas, se for necessário, raspa, como sempre, é o orixá quem determina. *“Há casos que, dependendo do ori (cabeça) ou da qualidade do santo, nem o adulto raspa, não é uma obrigação, explica a mãe-de-santo. A criança só tira onde for necessário, se for necessário em todos os lugares, raspará em todos os lugares*

⁸ Essas descrições referem-se especificamente a este terreiro e não acontecem obrigatoriamente da mesma forma em outras casas.

⁹ De acordo com Beniste, o rito de raspagem de cabeça denomina-se *Fári*, sendo que nos candomblés de Angola, a expressão é *Katula*, raspar vem de *Tula*, tirar. (cf. Beniste. 2001, p.1666).

que já falei”, revela Palmira de Iansã afirmando ainda que esta tarefa é exercida, neste terreiro, exclusivamente por ela. Os sacrifícios de animais são realizados e o sangue é derramado em algumas partes do corpo do iniciado. Nesses locais são colocadas penas de aves. Mãe Palmira revela que o sangue dá a vida e, as penas, a proteção lembrando como a galinha protege os pintos.

Mãe Palmira explica ainda que, neste terreiro, o *osú* é trocado todos os dias, durante sete dias e, nesse período, o iniciado permanece sem luz elétrica no quarto. Também todos os dias, às 4 horas da manhã, a pessoa que se inicia toma um banho de ervas de orixá. *“No mínimo, usamos vinte e uma qualidade de folhas. Oito folhas frias e oito folhas quentes que proporcionam equilíbrio para atrair o orixá, além das folhas específicas para cada orixá. Um exemplo de folhas quentes são as folhas de irôco e de pára-raio e exemplos de folhas frias, as folhas de oririm e de manjeriço. As folhas são rezadas, cantadas e as energias dessas folhas são evocadas”*, diz a ialorixá. A tarefa é da mãe-de-santo e das filhas-de-santo designadas para ajudá-la.

A água com a qual essas folhas são lavadas vai lavar os assentamentos do santo, a cabeça do iaô que está se iniciando e essas folhas trituradas seguirão para um pote de barro denominado porrão. Ali será colocado o axé do iniciado, sendo que os demais conteúdos que compõem esse axé não podem ser revelados.

Depois desse banho, pela manhã, ao iniciado é servido o *dengué*, um tipo de mingau preparado com milho branco. Pouco antes do meio-dia é servido o almoço contendo sempre a comida permitida para o santo (ver item 4.1.4). Como já foi dito, nesses primeiros sete dias, o iaô fica no escuro, o que significa, segundo Mãe Palmira, que ele deve passar pelas trevas enquanto se prepara para nascer. *“Durante esse tempo, o iniciado não conhece o poder e a força dos orixás porque ainda não incorpora. Ele ainda não tem o conhecimento da religião. No sétimo dia a luz é acesa porque o orixá já está incorporando. Significa que a nova vida, dotada de saber começou”*, diz Palmira de Iansã. Ainda no período de reclusão acontece o *sàsányìn*, mais um ritual em que se “canta a folha”, só que o objetivo é descobrir o destino da pessoa no santo. O *sàsányìn* é realizado em

períodos de três, sete e dezesseis dias, na saída. Contudo, nesta casa, se o orixá for Xangô, o sàsányìn será feito em intervalos de três, seis e doze dias e Sapanan (Omolu), em intervalos de 3, 7 e 14 dias.

No sàsányìn são colocadas comidas de santo dentro de folhas de mamona, cantados todos os ossaim (cantos) e bate-se no corpo do iniciado com esse preparo. No período de sete dias do sàsányìn realiza-se o ritual do *Efun*, a pintura das cores branca, azul e vermelha. O sàsányìn é concluído com um jogo de búzios, em cima de uma esteira. A função desse jogo é buscar o odú do iniciado, ou seja, o caminho e o destino do iniciado no candomblé e também como esse destino no santo irá interferir na vida dessa pessoa.

O jogo, que é feito três vezes ao longo do recolhimento, vai mostrar a função que a pessoa irá desempenhar na religião e também revelar se ele ou ela tem cargo a desempenhar nessa casa de santo onde ela se inicia ou não. Pode revelar ainda, se o iniciado ou iniciada está destinado ou destinada a abrir suas próprias casas. São também esses jogos que irão revelar os èèwo (Ketu) ou quizilas¹⁰ (Angola), ou seja, todas as proibições de comida, cores de roupas e outros hábitos a que o iniciado estará submetido.

Ao final desse período, explica Mãe Palmira, o recolhido já pode tomar café com leite, pão e manteiga. Pode também comer comida comum, ou seja, comida que não seja exclusivamente a de santo. *“Geralmente perguntamos ao iniciado o que ele quer comer e nunca vi um ser humano dar tanto valor a um prato de feijão com arroz, eles sempre pedem feijão arroz, bife e batata frita. Também, depois de tanto amalá, acaçá, ebô, purê de nhome, xinxim de galinha ou peixe e tudo sempre com pouco sal ou nenhum sal”*, brinca Mãe Palmira.

¹⁰ O termo significa ojeriza, aversão, implicância. Também revela uma proibição ritual, tabu alimentar ou de outra natureza. Do termo multilinguístico *Kijila* (quimbundo), ou *Kizila* (quinguana), proibição, castidade, jejum., etc. “ Para assegurar o sucesso da guerra, Temba Ndumba (heroína civilizadora) impôs a *Kijila*, que em kimbundu quer dizer proibição e que consistiu num conjunto de leis positivas, que implicavam certos tabus, como por exemplo, a abstinência de carnes de porco, de elefante e de serpente”. (Verbete em Lopes, Nei, 2003, p.191).

4.1.3– A nova vida começou

Ao final do recolhimento, na saída do santo, durante uma festa na qual o iaô é apresentado à comunidade, o orixá revela o *Orúko*, o nome pelo qual essa pessoa será conhecida no candomblé, seu nome iniciático. Em seguida sai o “carrego final” (ou Erù pin) contendo todas as coisas do santo e que será deixado em local destinado pelo jogo.

No dia seguinte acontece uma cerimônia chamada *Panan* (ou final do castigo) que significa a quebra dos èèwo. O iniciado deverá então reaprender os hábitos da vida diária. O iaô é orientado a sentir como se tivesse dormido uma longa noite, em geral se espreguiçam, simulam que estão tomando banho, ou lavando o rosto e escovando os dentes. No *Panam*, o iaô já pode sentar em uma cadeira (durante o recolhimento só se senta ou deita em uma esteira) e também já pode calçar um chinelo (no recolhimento fica descalço). O *Panam* continua quando o iaô recebe uma quantia de dinheiro e simula que está indo às compras. Em geral, vai à própria dispensa da mãe-de-santo, “compra” arroz, feijão e outros alimentos e os entrega também à mãe de santo. O iaô, durante a reclusão, não pega chuva. Assim, faz parte desse ritual que algum irmão ou irmã-de-santo encha um balde com água, se esconda em algum lugar por onde o iaô deverá passar e simule que está chovendo para que o iniciado reaprenda a andar na chuva. Assim como essas, outras situações serão simuladas como cozinhar, dirigir, passar roupa.

Para Mãe Palmira, a iniciação significa deixar toda a vida que se tinha até então para trás e começar uma nova vida inteiramente dedicada ao orixá. Mesmo que a pessoa saia do candomblé e resolva se tornar cristão, por exemplo, essa pessoa jamais deixará de ser iniciada. “*Isso porque seu corpo passou a ser um altar vivo e a morada de seu orixá, ele se tornou um adosú, recebeu o osú, o axé e será sempre do orixá*”, explica.

4.1.4 – O que se come

Adultos e crianças comem comida do orixá. Um exemplo é o omolocun (feijão fradinho temperado com cebola e com camarão) ou o acaçá que é um angu ou mingau (preparado com farinha de milho branco). Come-se também o amalá (um prato feito com quiabo) e o isú, uma espécie de bolinho de nhome. Em geral a comida é servida com pouco sal e, se for para Oxalá, com nenhum sal. Contudo, explica Mãe Palmira: “*se você mistura o amalá com xinxim de galinha que também é comida de santo, fica uma delícia*”. O acarajé (bolinho de feijão fradinho frito no dendê) também faz parte da dieta servida no recolhimento.

Às crianças sempre são oferecidas comidas do santo. Mas, explica Mãe Palmira, dependendo da faixa etária é preciso, evidentemente, servir um outro tipo de alimentação. Paulinha de Xangô, por exemplo, quando recolheu tinha dois anos, portanto, tomava mamadeira e, recolhida para o orixá, continuou tomando mamadeira. “*Fazíamos mamadeira de acaçá (farinha do milho branco) para ela. Mas ela também tomava farinha láctea para manter o equilíbrio na alimentação, embora ache o acaçá até mais forte*”, diz Mãe Palmira. De acordo com a yalorixá, o adulto fica mais restrito à comida do santo, já as crianças comem desta, mas podem comer da comida “comum”, caso rejeitem a dieta do orixá. Mãe Palmira, contudo, garante que, em geral, as crianças adoram comida de santo. “*Paula sempre adorou amalá, Luana¹¹ sempre comeu acarajé. São comidas fortes e elas acabam até engordando*”. No depoimento de Joyce de Iemanjá, mais adiante, veremos que ela diz: “*Saí do quarto com a cara gorda feito bolacha*”.

4.1.5 - Iniciados ainda no ventre

Quando a mãe faz a iniciação grávida, diz Mãe Palmira, ela toma banho de ervas come comida ritualística e recebe o osú e, ao recebê-lo, estará ligada ao orixá. Essa energia de axé também vai para a criança que por isso é chamada de *biaxé*, ou seja, a que nasceu do axé, o que nasceu da força do orixá. A mulher

¹¹ Neta de Mãe Palmira sobre quem falarei mais tarde.

grávida fará obrigações específicas. Tudo o que é feito na cabeça de um iniciado e na cabeça de uma mulher grávida que está se iniciando também se faz na barriga dessa mulher. “*O umbigo seria o ori e receberá o osú e a barriga também será pintada*”, revela mãe Palmira. Essa criança já nascerá feita no santo porque foi iniciada no ventre da mãe e, quando crescer, completará as obrigações. Contudo, de acordo com Mãe Palmira, se uma mulher que se prepara para ser iniciada estiver grávida, mas não desejar iniciar o filho e não quiser que o filho tenha ligação com o candomblé ela será aconselhada pela Mãe-de-santo a não se iniciar durante a gravidez porque a criança, de qualquer forma, terá ligação com a religião.

4.1.6 - A antigüidade iniciática

De acordo com o professor e pesquisador Muniz Sodré, os poderes decorrentes do axé¹², a autoridade, também dependem, na concepção dos Yorubás, de um consenso comunitário. “*São poderes sutis, que implicam energias poderosas, umas mais velhas que as outras, como acontece na ontologia banto*”. (Sodré, 1988, p.89). Ele recorre ao conto Yorubá (itan) para ilustrar o que chamou de hierarquia das forças: “*Um dia, a Terra e o Céu foram caçar. No fim do dia, só haviam apanhado um rato. Cada um reivindicou a presa, alegando sua idade. Como a discussão se eternizasse, o Céu se zangou e foi para casa. Fez então parar a chuva, e a fome sobreveio, até que a Terra viesse a lhe suplicar de joelhos e admitir que ele era o mais velho*”. (ibidem). Essa preeminência do mais velho, explica Sodré, “*não é exclusivamente biológica, mas se dá em termo de antigüidade iniciática*”.

As crianças estão misturadas aos adultos nos terreiros. Devem respeito aos mais velhos, mas são igualmente respeitadas por eles. No terreiro, é o tempo que a pessoa tem de iniciado que conta. A *antigüidade iniciática* é superior a idade real. Por exemplo: se um adulto chega ao terreiro para começar a aprender a religião, uma criança já iniciada, pode perfeitamente ser responsabilizada para lhe passar os ensinamentos. No terreiro de Mãe Palmira uma criança toma a

¹² Grafo àsé ou axé reproduzindo a forma como cada autor escreve esta palavra.

benção a alguém mais velho da mesma forma que um adulto toma a benção à criança. As expressões são sempre “*Abença meu pai*” ou “*Abença minha mãe*”.

No candomblé tudo é cíclico, começa e recomeça. Por isso dançamos em roda. O mais velho vai puxando a roda, mas lá na frente vai o abíyàn, aquele que nem é feito ainda, mas sabe que, um dia, encontrará seu lugar na roda. Ainda assim, nem ao que tem mais tempo de iniciado é dado o direito de se gabar. A humildade é fundamental. Costumamos dizer que quando ikú (a morte) passa, ninguém quer ser o mais velho em nada”, diz Mãe Palmira.

Àsé: que isto advenha!”

4.1.7 - Abrir a fala com o outro

Tanto para um adulto como para uma criança, o elemento mais precioso do terreiro é o “àse”, (força, o poder, energia). Ele realimenta e coloca todo o sistema religioso coletivo e a vida individualizada da pessoa em movimento. O “àse” é isso: movimento. Para que o indivíduo receba o “àse”, diz Santos (1993), ele precisa ser iniciado, como vimos, através de rituais para que o “àse” seja distribuído, fixado temporariamente redistribuído a outros seres. Quem inicia o novo membro é òyálàse.¹³

Para esta autora, no processo da iniciação as palavras têm poder de ação e ignorar aquilo que é pronunciado no decorrer de um rito é o mesmo que amputar um dos seus elementos constitutivos mais importantes e, provavelmente, mais revelador. Ela acrescenta também que o àse e o conhecimento passam diretamente de um ser a outro, não por explicação ou raciocínio lógico, num nível intelectual, mas, de acordo com ela, pela transferência de complexo código de símbolos em que a relação dinâmica constitui o mecanismo mais importante. A transmissão explica, efetua-se através de gestos, palavras proferidas acompanhadas de movimento corporal, com respiração e o hálito que dão vida à matéria inerte e atingem os planos mais profundos da personalidade. Num contexto, a palavra ultrapassa seu conteúdo semântico racional para ser

¹³ Detentora e transmissora do àse. O mesmo que Iyálorisá.

instrumento condutor de àsé, isto é, diz Santos, um elemento condutor de poder de realização. “A palavra faz parte de uma combinação de elementos, de um processo dinâmico que transmite um poder de realização. Àsé: que isto advenha!” (Santos, 1993, p.46).

Para Santos, a importância da oralidade na dinâmica nagô remonta ao mito da criação do ser humano. Nesta tradição, conta-se que quando Olórun¹⁴ procurava o elemento apropriado para criar o ser humano, acharam muita coisa sendo que nada lhe parecia bom. Foram então buscar a lama, mas ela chorou e ninguém teve coragem de levá-la a Olórun. Então apareceu *Iku*¹⁵ que, por ter sido ele a apanhar a lama, deveria recolocá-la em seu lugar a qualquer momento, e é por isso que Ikú sempre nos leva de volta para lama.

A oralidade, portanto, serve a estrutura dinâmica nagô. Santos reforça que cada palavra proferida é única. Nasce, preenche sua função e desaparece. E ainda que a expressão oral renasce constantemente e é produto de interação em dois níveis: o individual e o social. No social porque a palavra é ouvida e comunica e transmite o àse dos antepassados a gerações presentes. E no individual porque expressa e exterioriza um processo de síntese no qual intervêm todos os elementos que constituem o indivíduo. A palavra, diz Santos, é importante na medida em que é pronunciada, em que é som, já que, segundo a pesquisadora, o som implica sempre uma presença que se expressa, se faz conhecer e procura atingir um interlocutor. A individualização não é completa, até que o novo ser não seja capaz de emitir seu primeiro som. Quando se manifesta, o Órisá emite um grito conhecido como *Ké*. Santos reforça a ênfase na tradição oral do candomblé. Defende, porém, que esse aspecto não deve ser visto como único. A transmissão do conhecimento é realizada através do que ela chamou de “complexa trama simbólica” em que o “oral”, o “hálito”, é apenas um elemento “ainda que insubstituível”. E conclui sobre esse aspecto:

O conhecimento e a tradição não são armazenados, congelados nas escritas e nos arquivos, mas revividos e realimentados permanentemente. Os arquivos são vivos, são

¹⁴ Olórun ou Oba-órun ou também chamado de Olódumaré: Rei de Órun, regula toda a existência tanto no órun como no àyé.

¹⁵ A morte. (Prandi, 2003, p.566).

cadeias cujos elos são os indivíduos mais sábios de cada geração. Trata-se de uma sabedoria iniciática em que o princípio básico da comunicação é constituído pela relação interpessoal. (Santos, 1993, p. 51).

4.1.8 – Kosí ewe, kosí Òrìsà

Sem folha não há orixá

Não só as crianças iniciadas fazem parte da comunidade terreiro. Muitas freqüentam, aprendem preceitos, canções e participam das festas, mas não necessariamente farão o santo ou receberão cargo na casa. Ao agregar crianças e jovens em uma comunidade, Mãe Palmira acredita que nesta forma de socialização, novos laços de solidariedade são estabelecidos através, justamente, da distribuição do axé da comunidade terreiro, incluindo seus antepassados. “O mundo hoje é muito capitalista, se educa para o consumismo, para o individualismo exacerbado, para cada vez mais, a destruição da fraternidade”, diz ela. E continua: “As crianças são o futuro do candomblé que prima muito pela infância e pela velhice. A infância porque é o amanhã. O candomblé só continuará através das crianças. E os mais velhos porque são os sábios, nos orientam e nos passam as histórias importantes para nossa tradição”, diz Mãe Palmira de Iansã. Para Beniste, tanto a mãe como os filhos tomam parte nesse aprendizado.

Houve uma época em que se convencionou que ser educado era ser europeizado. A sociedade yorubá era vista como Ará Oko, (...) pessoas ignorantes. Cultura e educação eram vistas como primitivas e pagãs. Os princípios da educação são baseados sobre a concepção Omolúwàbí, ou seja, um bom caráter em todos os sentidos da vida, e que inclui o respeito aos mais velhos, lealdade para os pais e a tradição local, honestidade, assistência aos necessitados e um desejo irresistível ao trabalho. É um processo de vida longa, onde a sociedade inteira é a escola (Beniste, 2001, p.35).

Essa educação teórica e prática, segundo Beniste, é introduzida através de uma combinação de preceitos e literatura oral, representados por textos, provérbios, poemas, mitos e canções tradicionais. Por exemplo, diz o pesquisador, a uma criança é ensinado:

Ìsé kò gbékún (Choro não é resposta para a pobreza)

Apá Lara, igbònwó (seus braços são seus parentes, os cotovelos são seus amigos – para movimentá-los).

O conceito de hospitalidade é lembrado neste provérbio: **lyán ogún odún a máa jô lówó** (um pedaço de inhame de 20 anos atrás ainda pode estar quente, ainda pode ser tocado. Isto quer dizer que um ato de hospitalidade pode ter sua retribuição. (ibidem).

Para Beniste, essa combinação de métodos define o sistema e esclarece, proporcionando uma base para o ritual e a crença religiosa. Este autor ressalta também a importância de toda a comunidade terreiro na formação de um *Omolúwàbí*.

A sociedade inteira é sua escola; moralidade não é somente ensinada, é vivida. Coragem não é ensinada, é demonstrada. Persistência e devoção para obrigação são também exibidas. O número de certificados conquistados mede o sucesso de uma pessoa, mas não o seu valor. São marcas de condecoração, mas não revelam uma pessoa como Omolúwàbí. (op.cit., p.38).

Palmira de Iansã tem a mesma opinião e defende para isso que a iniciação seja feita bem cedo para que as crianças comecem a ser educadas dentro dos padrões da religião. *“E não são padrões muito rígidos. O que há de rígido é o respeito à criança, à família, aos velhos, aos ancestrais e aos orixás porque são a natureza. A criança convive com o meio em que vive, conhece os pássaros os animais as plantas”*, afirma a mãe-de-santo. *“O candomblé vai contra essa lógica que hoje destrói o planeta. Nossa religião lida com os quatro elementos na natureza (ar, fogo, terra e água) e com os três reinos (vegetal, mineral, animal). São esses elementos integrados que formam o axé, a força dinâmica que a tudo move e anima. Portanto, o candomblé é a religião mais ecológica que existe porque só concebemos a nossa própria existência integrada à natureza. Iemanjá é a energia das ondas do mar, das águas do mar. Oxum das águas doces, dos rios, das cachoeiras. Ossaim, dos vegetais, das folhas. Xangô, dos trovões, do fogo. Iansã do ar e da terra. Oxóssi, é o grande caçador. Quando uma criança começa a lidar com isso desde cedo, ela não apenas se sente parte da natureza é mais que isso, ela entende que ela é a natureza”*.

No depoimento acima, Mãe Palmira evidencia o que ela mesma chamou de eixo estruturador da educação das crianças nos terreiros. *“Se aprendermos que nossa existência depende disso, teremos aprendido bem. E nossas crianças*

também”, afirma. E são essas crianças de terreiro que conheceremos melhor agora.

4.2 – Ricardo de Xangô

O menino que segue pelo caminho do fogo



Ricardo Nery, aos 4 anos.

Os braços do menino eram asas, os cabelos do menino eram flores, os olhos do menino eram todos os pássaros que derramavam em nós antigas luzes. A música que o menino tocava parecia transmutar tudo em água e diluir a todos

numa mesma e outra substância. E, mesmo na água que provocava, todo o menino ardia em fogo quando ele tocava para os orixás seguindo um caminho incendiado por suas forças.

Foi essa a primeira impressão que tive de Ricardo Nery, aos 4 anos, a primeira criança que vi desempenhando função em um terreiro. Essa imagem é a foto que está acima. Ao longo desse tempo, observei Ricardo crescendo atrás dos atabaques. Desde aquele 13 de outubro de 1992, conheci muitos ogans. Para mim, ninguém é como Ricardo que, ao tocar para convocar os orixás ele mesmo parece se converter nas águas, nos ventos, nas matas e no fogo de Xangô de quem é filho.

Ricardo, desde os dois anos, bate com incrível desenvoltura e habilidade diversos tipos de atabaques. *“Aprendi olhando”*, me disse ele, ainda aos 4 anos. Ricardo é filho de Xangô, mas foi suspenso ogan por lansã. *“Não tem problema. Meu orixá é Xangô, mas foi lansã quem me apontou ogan. Então sou filho de Xangô, mas sou ogan de lansã”*, explica.

Foi Ricardo que também me explicou que é sempre o Orixá quem determina a função que a pessoa terá no terreiro. *“Ou ele mostra no jogo de búzios ou desce no terreiro, durante uma festa para dizer seu destino no candomblé”*, revelou. É quando isso acontece que se diz que a pessoa foi “suspensa” ou “apontada”. O processo de confirmação para os cargos recebidos será feito de acordo com os preceitos para cada cargo, orixá e mesmo de acordo com as práticas de cada terreiro. Questões pessoais também interferem no processo.



Ricardo, desde os 2 anos, bate com incrível habilidade diversos tipos de atabaques. “Nessa idade, ele *tocava até dormir em cima dos atabaques. Eu o levava para a cama mas ele despertava e voltava correndo*”, conta Vinícius Andrade, filho-de-santo e também ogan da casa

“Meu destino no candomblé foi ser ogan. Não viro no santo. Tenho de conhecer os toques do candomblé que têm o poder de convocar os orixás. São muitos toques diferentes e, na medida que vou aprendendo vou memorizando. Nunca tive dificuldades”, revela. *“E nunca teve mesmo”,* diz Mãe Palmira, avó paterna de Ricardo e que cria o neto desde que ele tinha um mês de idade. De acordo com ela, os pais de Ricardo não tinham condições de saúde para criar o filho. *“Ele foi apontado ogan por lansã aos 2 anos e, ao fazer isso, o orixá toma para si a maternidade, a função de criar, de ver, de conduzir nos caminhos da vida”,* diz a avó, completamente dedicada ao neto. Palmira conta também que Ricardo fez as primeiras obrigações aos 13 anos e seria confirmado no final de 2004. *“Mas a data coincidiria com o encerramento do ano letivo e aqui, nada, nem o terreiro concorre com a escola. Em primeiro lugar vem a escola. Nas férias do próximo ano ele será confirmado ogan”,* informa Mãe Palmira dizendo também que o neto está no segundo ano do ensino médio (agora passou para o último ano) e que ele quer ser engenheiro naval.

Na tão aguardada confirmação, explica Mãe Palmira, Ricardo usará uma roupa de gala. *“Antes as pessoas usavam um terno, mas, hoje em dia, pode ser uma calça de linho e uma camisa de seda”,* explica a mãe-de-santo.

Em um de seus relatos, Ricardo me diz que ama sua religião. *“Eu me sinto bem aqui nessa vida de comunidade. Me dou bem com todo mundo, todo mundo gosta de mim. Aprendemos que a nossa cabeça é a morada do orixá e não devemos fazer nada que faça mal a nossa cabeça ou a nosso corpo”,* explica. Pergunto então por que ele fuma? *“Minha avó quase me mata por isso, mas fumo desde os 14 anos. Estou tentando parar como todo mundo que fuma”,* brinca.



Aos 4 anos, Ricardo ainda nem tinha altura para alcançar o atabaque, por isso, sentava em uma almofada e desempenhava suas funções com a máxima seriedade.

Além de ogan, Ricardo foi suspenso *omoisan*. Como veremos mais adiante, essa é uma função exercida dentro do candomblé, mas da parte de *lèsé-egún* (o culto aos ancestrais). “*No candomblé tudo é duplo. Cultua-se a vida, daí o culto aos orixás, mas também se cultua a morte, daí o culto aos egúns*”, ensina. E continua: “*Quando o egún incorpora, ele toma para si uma indumentária que não pode esbarrar em ninguém que é vivo. A vara ritual, o isan é usada para colocar os limites para os egúns que às vezes esquecem que estão mortos, pensam que estão vivos e chegam perto demais dos vivos*”, explica Ricardo. Mas, segundo Mãe Palmira, Ricardo só concluirá as obrigações desse tipo de culto quando estiver adulto. “*Uma coisa de cada vez*”, diz ela. Ricardo Nery e Paula Esteves não visitam o terreiro ou o freqüentam apenas em dias de festas e obrigações. Eles moram no terreiro já que suas casas ficam dentro do espaço da comunidade do terreiro. “*Eu acordo vendo macumba e vou dormir vendo macumba*”, me disse Ricardo. “*Quando eu era criança eu gostava de ver televisão e via. Mas o que eu gostava mesmo era de brincar de macumba. Ficava brincando de macumba com a Paula, com o Jailson e com os outros. A gente brincava de pegar santo*”, conta Ricardo.

“*E foi brincando de macumba que Ricardo cresceu uma criança dócil, e esse adolescente generoso e estudioso*”, derrete-se Mãe Palmira. Quanto ao preconceito, Mãe Palmira só reclama de dois episódios. O primeiro, quando Ricardo tinha cerca de seis anos e foi chamado de filho-do-diabo, por uma explicadora particular e de todas as conseqüências sofridas depois da publicação do livro do Bispo Macedo¹⁶. “*Aí foi demais, todos nós sofremos muito*”, disse ela. Ricardo confirma o que a avó diz. “*Na rua passaram a me chamar de macumbeiro. E eu não entendo, se a gente tem que entender a cultura dos crentes e dos católicos, por que eles não podem entender a nossa, inclusive na escola?*” pergunta Ricardo.

¹⁶ Ver anexo depois da página 7.



No terreiro, o que conta é a idade iniciática, ou seja, o tempo que a pessoa tem de iniciada. Ricardo, aos 4 anos, já era muito respeitado no terreiro de Mãe Palmira e também em outros terreiros.

O ogan, porém garante que pouco se importa com que os outros dizem. *“Importante é agradar ao orixá, é fazer as coisas certinhas para ele e ver através de um gesto no terreiro que ele fica feliz. Eu tenho um carinho grande pelos orixás e eles por mim, isso é o que vale”*, conclui.

Ricardo diz que uma das coisas que mais gosta de fazer é tocar para o Xangô de Paulinha. *“Ele vem com força, vem bonito, fica satisfeito, é lindo”*, comenta. E tem razão. Ver Ricardo tocar para o Xangô de Paulinha e observar como ele dança no meio do terreiro foi uma das coisas mais bonitas que vi não só durante essa pesquisa. Foi uma das mais belas coisas que já vi na vida. Ao voltar para casa nesse dia, pensei: não sou eu quem escreve essa tese.

4.2.1 – Èèwó (quizilas) e limites

Para os iniciados ou confirmados¹⁷ no candomblé existem algumas proibições impostas pela ligação ao orixá, são os èèwó, ou as *quizilas do santo*. No capítulo *Quizilas e preceitos – transgressão, reparação e organização dinâmica do mundo*, Augras faz importante discussão sobre o complexo mecanismo das proibições nos terreiros observados por ela, nos quais constata que a transgressão de tais proibições é, ao mesmo tempo, “sancionada e incentivada” (In: Moura,2004:159). A leitura desse jogo destacado por Augras é fascinante, mas aqui, gostaria apenas de ressaltar os elementos que nos esclarecem mais a respeito do conceito de quizila.

No que diz respeito à vida cotidiana, mitos clássicos dos iorubas afirmam a importância de conhecer-se, para saber como comportar-se corretamente neste mundo. Tal conhecimento só pode ser alcançado mediante a consulta do oráculo que dirá de que material é feita a cabeça de cada pessoa. (op.cit.p,170).

¹⁷ Digo iniciados e (ou) confirmados porque veremos adiante que ekedis não são iniciadas, ou seja não são feitas no santo mas são confirmadas depois de suspensas pelos orixás. Já os ogans, em geral não se iniciam, são suspensos e se confirmam mas, há casos de ogans iniciados, inclusive, passando pelo ritual de raspar a cabeça. Para todos esses casos existem as quizilas.



Ricardo aos 8 anos: *“Gosto da minha religião, mas na rua já me chamaram de macumbeiro e disso eu não gosto!”*

Augras refere-se a um texto oracular recolhido da boca de um sacerdote nigeriano por Juana Elbein dos Santos e Deoscóredes M. dos Santos (1971) que explica que cada pessoa, antes de nascer, tem sua cabeça (*orí*) miticamente moldada no além (*òrum*), a partir de determinada matéria prima-ancestral (*Ipòrí*), cuja identificação, pelo oráculo, permitirá esclarecer qual é sua natureza verdadeira. Assim, não somente a pessoa saberá que tipo de oferenda deve fazer para agradar os deuses, mas será também informada a respeito de “*todas as coisas que lhe são prescritas como interdições (èèwó), proibidas de comer, por causa da maneira como o orí foi moldado.*” (citado por Augras in Santos e Santos, 1971, p.52). Para a pesquisadora, o esclarecimento das proibições rituais torna-se sinônimo da auto-identificação.

Antigo gastrônomo francês já cunhara o provérbio: “dize o que comes, e direi quem és”. O Oráculo ioruba propõe a sentença inversa: “darei o que não podes comer, e saberás quem és”. Resta verificar se, no cotidiano do terreiro, é possível observar a mesma convergência das interdições em torno das “coisas-proibidas-de-comer”. É preciso observar, junto com Weber (1944) que a proibição de certos alimentos é fonte de comensalidade ou convivialidade. Não se restringe, portanto, a evitar que a pessoa ingira substâncias danosas para ela, mas também constrói um espaço próprio, onde se podem encontrar e identificar outras pessoas regidas por tabus idênticos ou semelhantes. (Augras, in Moura, 2004, p.171).

As proibições não estão restritas ao que não se deve comer, mas também ao que vestir, por exemplo. Querendo saber como essas proibições se refletem em crianças e adolescentes que convivem nos terreiros, pergunto a Ricardo se não foi difícil crescer com essas limitações. “*Foi e não foi. Por exemplo, adoro roupa preta, mas não posso usar por causa da quizila do meu santo com roupa preta, então uso menos, melhor, quase não uso. Gosto muito de roque, gosto de usar camisas com aquelas caveiras grandes estampadas. Não posso, tem quizila do santo. Se usar, posso passar mal ou acontecer coisas ruins comigo na rua, mas o resto é tranqüilo*”, responde.

Sua avó concorda. “As proibições de comida não foram difíceis”. O mais problemático foi mesmo essa cultura da roupa preta. Nós não usamos. Se colocar uma camisa preta é bom que se coloque uma calça branca para garantir o equilíbrio. O Ricardo sempre gostou muito de azul e verde, mas agora está com

essa coisa da roupa preta por causa dos grupos de roque. Como eu não posso proibir o uso geral ele não põe preto nas sextas porque é dia de Oxalá e nas quartas porque ele é ogan de lansã. Se vestir todo de preto jamais. Um dia ele usou uma camisa preta e teve de ir para o hospital com uma urticária violenta. Daí quando acontecem essas coisas eles começam a entender”, insiste Mãe Palmira. Ricardo tem dois furos em cada orelha. Pergunto a Ricardo se com os brincos, não tem quizila. “Tem, mas não com o santo, a quizila dos brincos é com a minha avó mesmo. Tatuagem também quero fazer, mas tem quizila com ela”, brinca.



Ricardo, aos 8 anos, segue os rituais do terreiro e respeita a hierarquia de sua Mãe-de-santo, também sua avó carnal.

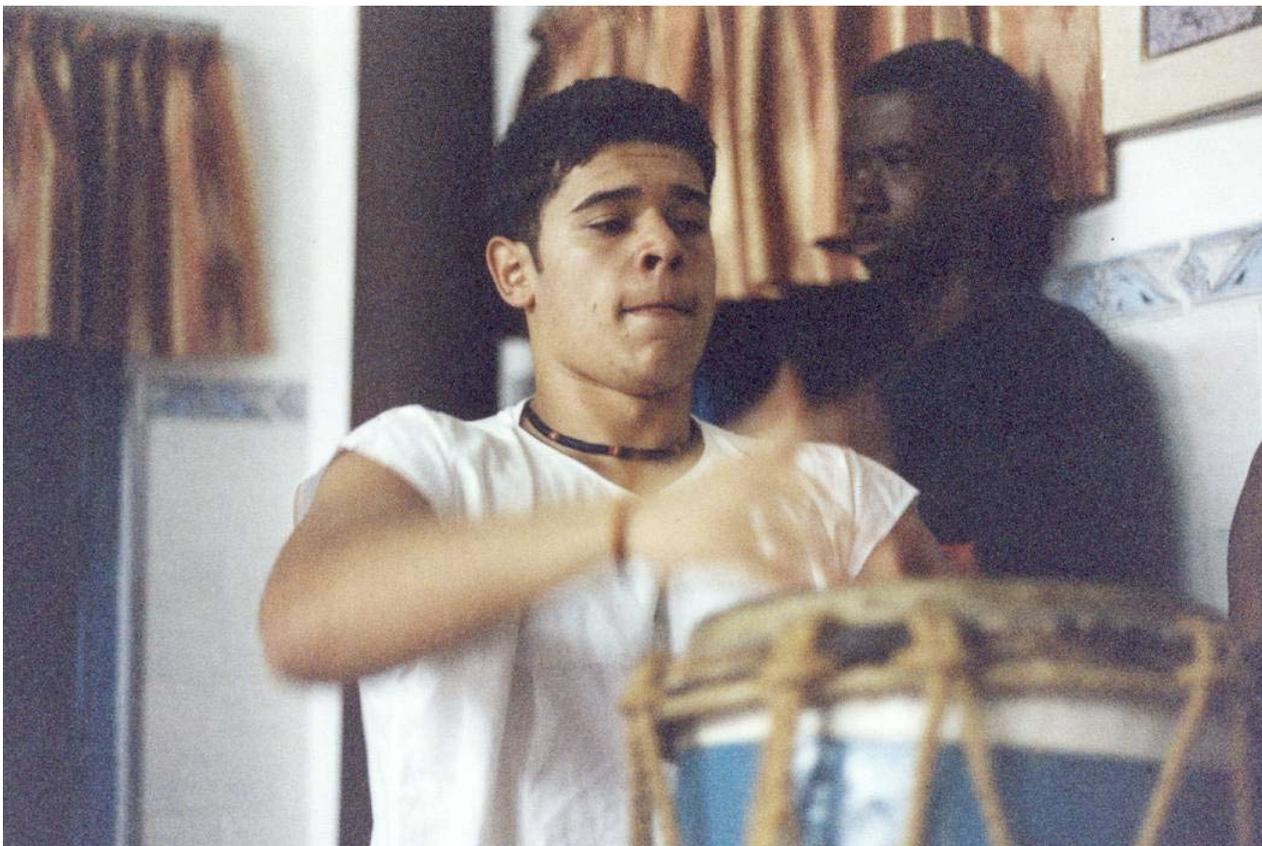
4.2.2 – Pressão demais?

Certa noite, barracão cheio, Marcos, tio de Ricardo chamou a atenção do menino. Para o tio, Ricardo deveria se dedicar mais e ter mais responsabilidades no terreiro. Ricardo ficou magoado por dois motivos. Primeiro porque se dedica muito à religião. Segundo, porque levou uma bronca diante de todos os que estavam na festa. Em uma de nossas entrevistas, perguntei a Mãe Palmira se ela não achava que era pressão demais para um adolescente de 17 anos. *“Não, não é crítica nem pressão demais não. Ele (referindo-se a Marcos) tem uma responsabilidade maior que os outros por ser filho da mãe de santo e deve ser exemplo, por isso ele cobra mais do sobrinho que também deve ser exemplo.*

Ricardo está na fase

de muita namorada então é muita garota no candomblé e não são nem filhas-de-santo da casa, mas vão só por causa dele. Então ele larga o atabaque, larga a cerimônia e vai namorar no portão encostado no carro”, diz ela.

Pergunto ainda se essa não é uma atitude normal para qualquer adolescente. *“É, mas ele deve ter o entendimento de que a hora da religião não é hora de namorar. Meu filho Marcos também é ogan e gosta muito de tocar com Ricardo. Os dois se entendem muito bem no atabaque. Então se vem um ogan de fora, o Marcos fica nervoso porque se o Ricardo está não sai nada errado. A cobrança é essa. O Marcos também o chama para aprender a encourar atabaque e ele não vai porque quer ir para academia. Ele tem de saber dividir, mas o terreiro é primordial, principalmente ele que é da casa. O Ricardo mora na comunidade terreiro e está em contato o tempo inteiro com a religião. Não é como, por exemplo, ir à missa e voltar para casa. Mas hoje ele está mais consciente”,* afirma Mãe Palmira.



Ricardo, aos 17 anos. Ele foi suspenso *ogan* aos 2 anos, fez as primeiras obrigações aos 13 anos e será confirmado *ogan* no próximo ano. Ele também foi apontado *omoisan*, ou seja, recebeu um cargo no culto de lese-égún (culto aos ancestrais). *“Eu amo os orixás e isso é o mais importante no candomblé, a relação com o orixá”*.



Acima e à direita, Ricardo toca em uma festa de Oxossi. À esquerda, crianças observam a saída dos orixás. Abaixo, Ricardo toca em outra festa, enquanto as filhas-de-santo dançam.



4.3 – Paulinha de Xangô



Iniciada aos dois anos (foto cedida pela família).

Conheci Paula Esteves quando ela tinha seis anos. Naquela época ela já era Paulinha de Xangô. Encabulada, Paulinha nunca parava de rir seu lindo sorriso nem enquanto dançava ou cantava (talvez aqui, a máquina fotográfica interferindo no campo). Aliás, ao longo desse tempo todo, Paulinha nunca gostou muito do meu gravador nem da minha máquina fotográfica, que ela dificilmente encarava. Hoje, Paulinha tem 18 anos, teve seu primeiro filho no dia 28 de abril e continua tímida. Para conseguir uma foto de frente ainda é difícil e, no terreiro, durante as atividades, ela já não ri mais, pelo contrário, é séria, compenetrada, só não deixa de rir muito em nossas conversas mais informais. Paula diz que vai esperar seu filho crescer para saber se ele será do santo, mas acha que será inevitável. *“Minha família toda é, meu marido é. Quando eu vier para o terreiro vou trazer meu filho, então, acho que ele também será”*, imagina.

Jussara dos Santos Esteves (filha de Ogun, iniciada aos 20 anos) é mãe carnal de Paulinha e de André Luiz, hoje com 26 anos e ogan desde os 4 anos. Há 17 anos nesse terreiro, Jussara conta que era de umbanda, mas como seu santo é do candomblé, precisou raspar a cabeça, ritual que não é praticado na umbanda. Paula fez o santo junto com a mãe. *“Eu precisava fazer e ela também aí fizemos juntas no mesmo barco. Ela com 2 anos e eu com 20. Nós duas raspamos a cabeça e deitamos juntas para o santo. Eu para Ogun, ela para Xangô,”* conta uma Jussara toda orgulhosa.

“O aperê de Xangô é preparado em um pilão. Paulinha tinha pouco mais de dois anos, pegamos um pilão bem pequeno, mesmo assim o pezinho dela não dava no chão e ficava balançando, ela era muito pequenininha. Quando o ritual de sua iniciação começou, seu corpo todo tremia parecendo em transe. Primeiro fiz a mãe dela para que quando a Paula chegasse no quarto sua mãe a recebesse, temos todo um cuidado especial. Era uma noite muito fria mas quando a coloquei na esteira, o corpo de Paula queimava. Ela estava tão quente, tão quente que tremia. Depois, ela ainda pequena, ao arriar amalá¹⁸ para Xangô passou mal e não queria mais entrar no quarto de Xangô, dizia que tinha medo dele. Tempos depois foi arriar acarajé¹⁹ e passou mal também mas corria, ia embora, tinha medo do santo pegar ela. A primeira incorporação é assim mesmo, parece algo muito maior que você e você tem medo de não dar conta”, lembra e explica Mãe Palmira.

¹⁸ Comida predileta de Xangô feita no candomblé com quiabo, camarão seco e azeite-de-dendê. (Prandi, 2005, p.304).



Outro momento da iniciação de Paula Esteves. Ela aparece com a roupa de seu orixá. (Foto cedida pela família).

4.3.1 – E Xangô não veio

Em geral, as obrigações no santo são realizadas em intervalos de 7 anos. Com Xangô, orixá de Paulinha, *no terreiro de Mãe Palmira*, esse intervalo é de seis anos. Assim, aos 8 anos, no dia 28 de setembro de 1996, Paulinha confirmou-se no santo e, nessa festa, a expectativa de que Xangô “tomasse” sua cabeça pela primeira vez era grande e contagiava todo o terreiro.



Confirmação de Paulinha de Xangô, no dia 28/9/1996.

Mas não foi assim. Paulinha girou, girou, dançou muito, cantou a festa inteira. Em várias ocasiões parecia que ia perder os sentidos, ficava zozna, era amparada pelos adultos, principalmente por sua Mãe Criadeira, ou *ojubonã* (os olhos que se prostram no caminho), mas Xangô não veio nela. Ainda nessa época, perguntei: “*Por que Xangô não ‘desce’ em você Paulinha?*” E ela me respondeu: “*É porque eu tenho medo de morrer*”, revelou. Na verdade, Xangô só “pegou a cabeça de Paulinha” quando a menina tinha 14 anos, quando ela concluiu suas obrigações e recebeu um novo nome: “*Obadeolá*”, que significa: “*o rei chegou trazendo riqueza*”. “*Perdi o medo de morrer*”, afirmou então.

Mais tarde, aos 17 anos, Paula Esteves ganhou de Iansã de Mãe Palmira, o cargo de *iaebé*, ou seja, *mãe que toma conta da casa*. “Tenho de ter mais responsabilidade. Tenho de ver se a comida está boa, se a casa está arrumada em dia de festa, tenho de tomar conta da casa”, explicou. Pergunto a Paula o que isso muda na vida de uma adolescente. “Muda muito porque tenho muitas responsabilidades e dedico muito tempo da minha vida ao terreiro, mas eu gosto disso”. Com o cargo, Paula de Xangô passou a ser a quarta pessoa na hierarquia do terreiro. Apesar disso, a adolescente diz que não pensa em ser mãe-de-santo. “Mas se um dia tiver de ser, serei”, afirma. Mãe Palmira também confirma. “Só o futuro dirá, mas ela poderá ser já que está cumprindo todos os preparativos para assumir cada vez mais responsabilidades”, avalia.



Paulinha de Xangô, aos 10 anos, ainda não virava no santo. *“Eu tenho medo de morrer!”*

4.3.2 – Na festa do presente

Pensando sobre identidade

Na noite de 16 de outubro de 2004 eu estava no terreiro de Mãe Palmira para o *ipeté*, uma festa para dar presente a Oxum. Foi uma noite especial. As pessoas estavam muito eufóricas e a alegria dominava o lugar. Nessa noite conheci Vinícius Andrade, ogan e filho-de-santo de Mãe Palmira que passou a me auxiliar na revisão e compreensão deste trabalho.

Em geral, gosto muito de ver os preparativos para as festas. Uma correria. As mulheres passam roupas, arrumam as contas, fazem as unhas, preparam as comidas. Em pouco tempo a mistura de cheiros toma conta do ambiente e o som dos atabaques começa. Paulinha sempre trabalha muito em dias assim. Nessa noite eu cheguei ao terreiro por volta das 18 horas e fui direto para sua casa (na verdade agora é a casa de seus pais porque, desde que casou, Paulinha não mora mais na comunidade terreiro, mas continua morando bem próximo). Fiquei na varanda enquanto ela fazia a unha de uma das filhas-de-santo. Foi aí que conversamos.

Perguntei a Paula como é que, na verdade, ela passou do medo de morrer (quando Xangô não incorporava) para a coragem de não morrer (quando Xangô passou a incorporar). *“É que quando eu era pequena eu não entendia direito. Eu tremia, era Xangô chegando, mas eu não entendia, então corria e me escondia de Xangô porque ele era muito estranho, diferente e eu pensava que se deixasse ele entrar ele ia me matar e eu ia morrer. Mas fui crescendo no santo e aprendi a abrir espaço dentro de mim para o santo. Foi só quando abri espaço para Xangô entrar em mim, mesmo ele ainda sendo uma coisa estranha é que perdi o medo de morrer. Depois fui me habituando a ele e aprendi a dividir o espaço de dentro de mim com ele. Enxerga eu e enxerga Xangô. Danço eu e dança Xangô. Ando pelo terreiro e Xangô também anda. Mas sei que é Xangô, dentro de mim que me movimenta. Hoje estamos bem”*, diz Paulinha. E foi então que, na varanda de Paulinha, enquanto ela pintava as unhas de uma filha-de-santo do terreiro e enquanto muita coisa acontecia a minha volta que comecei a pensar sobre identidade, discussão que farei mais adiante.

José Beniste (2002, p.83) diz que o candomblé é complexo em suas regras de comportamento, que só são devidamente entendidas com uma participação constante de todas as suas atividades. E é verdade, no terreiro de Mãe Palmira nunca compreendi a mais simples das atividades sem olhar e olhar outra vez. Beniste afirma que é comum dizer que no terreiro, nada se pergunta, tudo se aprende, vendo-se e ouvindo-se. Está certo também, mas nunca consegui aprender nada sem perguntar e tornar a perguntar. As festas, os rituais, tudo me era explicado calmamente, de preferência por Paulinha ou por Ricardo que insistiam: “*Confirma com a mãe-de-santo*”, e eu confirmava sempre com ela e depois, com Vinícius Andrade.

Uma das coisas mais difíceis de compreender quando os orixás incorporam, pelo menos para mim era o fato de, em um mesmo momento, ver vários filhos e filhas-de-santo incorporados com Xangô, por exemplo. Como é que Xangô podia “baixar” em mais de uma pessoa? Foi, ainda na festa do presente, que Paulinha me explicou como isso acontece. Não sem antes dizer rindo: “*Você não fotografa? Como é que não enxerga?*” Eu fotografava, mas não enxergava direito. Mais uma vez precisava que ela traduzisse o ritual. Paulinha me disse que cada Xangô tem uma qualidade. A dela, por exemplo, é de *Aganju*, o seu orixá é Xangô de *Aganju*. “*Nós não temos nome e sobrenome? Os orixás também. Aganju é o sobrenome do meu Xangô e cada filho de santo vai receber, ao mesmo tempo no terreiro, um Xangô com uma forma, uma qualidade, um sobrenome diferente, mas o mesmo orixá*”, concluiu. Assim ficava mais fácil e eu entendia. De novo, esse “eu” que se desdobra numa multiplicidade poderá nos ajudar, mais tarde, a pensar a identidade.



Aos 18 anos, Paula Esteves é a quarta na hierarquia do terreiro. Na foto, ela estava grávida e acha que seu filho seguirá a tradição do candomblé, já que ela e o marido praticam a religião. Ao terminar a tese, contudo, Cauã, havia nascido e já fica no carrinho de bebê, no barracão, durante as festas do terreiro.

4.4 – Joyce de Iemanjá



“Não entro na escola com meus colares e guias. Sou do candomblé, mas na escola eu escondo. Tenho muita vergonha! Digo que sou católica.”

Diz-se dos olhos que esses também exercem funções diferentes para as quais existem. Diz-se dos olhos que estes falam. Os olhos de Joyce sempre me falaram mais que sua tímida boca. Quando conheci Joyce Eloi dos Santos, ela tinha 13 anos. Atualmente ela está com 21. Durante esse tempo, em nossas conversas para a pesquisa, tive de aprender a ouvi-la e a desviar-me de seus olhos que às vezes também me obrigavam ao silêncio que a acompanha. Joyce é a mais velha das filhas de Joelma Eloi dos Santos, que também é mãe de Jailson, 20 anos, Joseana, 17 e Jonathan, 14.

Nos relatos de Joyce, ela me conta que começou no candomblé aos 6 anos porque “teve problemas de santo”. Problemas que, de acordo com ela, consistiam

em cair da laje da casa onde morava várias vezes, viver doente e ter um machucado na perna que não sarava nunca. *“Minha família era do candomblé e achou por bem assim. Tive de fazer o santo rápido, aos 6 anos”,* revela. Desde então, Joyce vira (incorpora) com lemanjá, o orixá das águas do mar. *“Fiz minhas obrigações todas, a e ganhei também um cargo. Desde os sete anos, já era uma ebome²⁰, ou seja, se quisesse, já podia até ser mãe-de-santo por isso, pelo cargo. Mas não é assim, falta a vivência toda do terreiro”,* afirma. Foi Joyce quem pela primeira vez me explicou a diferença entre uma ebome e uma ekedi. *“Ekedi não vira no santo”,* me disse.

Essa ebome nasceu em Nilópolis, na Baixada Fluminense, mas foi criada dentro de uma roça²¹, em Jacarepaguá, o terreiro de dona Aildes Batista Lopes, dona Didi, sua avó. *“Foi lá que fiz todas as minhas obrigações e fiz a obrigação de sete anos na Palmira porque tive de tirar minha “mão de vúmbi²²”, que é quando uma pessoa morre e fica aquela mão morta na sua cabeça. Como foi minha avó que fez minha obrigação, quando ela morreu, tive de procurar outra casa de santo para continuar minhas obrigações, por isso cheguei na Mãe Palmira. Falta fazer a de 14 e a de 21 anos”,* explica.

Joyce também falou das quizilas de santo. *“Quando fazemos a obrigação, por exemplo, o ritual manda usar apenas roupa branca. Para voltar a usar roupa colorida, precisamos tirar a quizila de roupa de cor. Minha avó morreu antes de tirar minha quizila de roupa de cor. Tive de tirar na Palmira. Minha quizila de comida é, por exemplo, não comer lula, peixe de pele, porque me empola toda, é a quizila de lemanjá. Quando a gente desobedece, pode até nem passar mal, mas com certeza, a gente anda para trás”,* afirma.

De acordo com Joyce, ela e Jailson, seu irmão, cresceram dentro desse terreiro. *“A roça era muito grande, quase não víamos ninguém, era do terreiro para a escola e da escola para o terreiro”,* conta. Da iniciação realizada aos seis anos,

²⁰ Título da pessoa que já passou pela obrigação dos sete anos de iniciação. Essas pessoas são consideradas aptas a abrir seu próprio terreiro. Também chamadas de Vodunsi. (Berkenbrock, 1998, p.441).

²¹ Aqui no sentido de terreiro.

²² Vúmbi: nos cultos de origem banta, esse é o termo que designa o morto e principalmente o chefe de terreiro falecido. *Tirar a mão de vúmbi* significa realizar rituais para libertar uma pessoa ou terreiro da tutela espiritual de um pai ou mãe-de-santo falecidos. Do quicongo (Kongo) – *evumbi*, morto. (Verbete em: Lopes, Nei, “Novo Dicionário Banto do Brasil”, 2003. p.222.

ainda no terreiro de sua avó Didi, em Jacarepaguá, lembra: *“Fiquei 21 dias trancada em um quarto. Lembro que enfiava conta para fazer colares e aí me distraía. Comia comida sem sal, um tipo de mingau que eu acho que era feito de acaçá²³, arroz sem sal e sem tempero. Mas a comida era muito forte, saí do quarto com uma cara redonda de bolacha, gorda que só! Na confirmação de sete anos, já na Mãe Palmira, foi a mesma coisa só que a diferença era que podíamos ficar mais na roça, varrer, ajudar. Se chegasse alguém nos fechávamos no roncó, isso porque já era confirmação, não era iniciação. Não podíamos sair para rua. As pessoas também não podem chegar perto de nós porque trazem coisas ruins da rua”, disse.*

Joyce me disse ainda que é de lemanjá, Oxalá e Oxum. *“Como é que pode?”, perguntei. “Viro com os três, mas é muito difícil embora os três peguem a minha cabeça”. “E qual a diferença? O que você sente?”* Quis saber. *“Quando viro para lemanjá sinto um calor intenso, terrível e parece que o chão vai se abrir em um enorme buraco. Quando vem Oxum eu só choro, é uma vontade incontrolável de chorar. Já com Oxalá é muito difícil virar. Quando ele tenta, já estou incorporada em outro santo. Ele nunca consegue. A briga boa fica entre lemanjá e Oxum, uma briga danada, sempre foi assim, desde os seis anos. Por isso quando eu viro, quem olha quase nunca consegue saber se é Oxum ou lemanjá. E eu fico apanhando até elas se decidirem.”* *“E quem ganha a briga?”* perguntei. *“Normalmente quem ganha é lemanjá”, disse-me Joyce.*

Perguntei se ela gostava dessa briga. *“A nossa religião é a religião dos orixás. Cada pessoa tem um orixá dono da cabeça. Se no meu caso é essa disputa, não faz mal, o importante é agradar ao orixá porque sem ele, nossa vida anda para trás. O orixá te ajuda, mas se a gente não lutar não vencemos na vida”, ensina.*

Quis saber de Joyce como é a incorporação. *“É assim, o santo não entra todo. É estranho, a gente vê as coisas, mas não consegue tocar, às vezes sinto o santo perto, se chegando. A música tá tocando alta no terreiro. Eu rodo três vezes, na terceira, vou embora de mim. Mas não chego a sair, é que o santo chega e*

²³ Acaçá: bolinho de amido servido embrulhado em folha de bananeira. (Prandi, 2003, p.563).

quer espaço entende?” E eu? Entendi? Não. Então falei: “Não entendi direito. Você vai embora para onde?” Devolvi a pergunta. “Vou embora de mim, mas fico em mim, me divido com o orixá”. Concluiu Joyce.

Sobre discriminação, Joyce revela: *“Passei sim por muita “zoação”, tipo um racismo mesmo. As pessoas me apontavam na rua e na escola dizendo: “Ela é macumbeira!”. Eu achava que só eu era macumbeira na escola, mas depois descobri que muitas pessoas também eram só não tinham as curas”, diz ela.*

Apesar disso, Joyce garante que nunca pensou em deixar a religião. *“No fundo, acho que o preconceito contra a religião é um preconceito contra os negros. As pessoas me apontavam na rua e na escola e diziam: “Isso é coisa de negro!”, lembra. Joyce parou de estudar no segundo ano do ensino médio por conta da gravidez, mas pretende voltar. Ela está separada do pai de seu filho, Pablo, de 1 ano. Sobre iniciar Pablo no santo, Joyce revelou: “Só vou deixar meu filho entrar na religião se ele quiser, não vou obrigar. Ser adolescente e da macumba é muito difícil. Lembro que quando eu tinha doze anos e queria sair, ir para festas, nunca podia porque sempre tinha responsabilidades no terreiro. A gente não tem tanta liberdade. Não é que não possa é que são muitas coisas que temos de fazer na roça. Se a gente não liga, é irresponsável e sai, deixando as tarefas que nosso santo pede, com certeza algo de ruim vai acontecer com a gente na rua, alguém vem e nos dá uma surra sem ter porquê. Pode contar que foi coisa do santo que ficou bravo. Ou seja, a ligação com o orixá não se interrompe. Eu não quero isso para meu filho agora”. Mas, pelo sim pelo não, Joyce já entregou Pablo para Xangô.*



Joyce, aos 21 anos, com seu filho Pablo. Ela não sabe se ele será iniciado mas já o entregou à Xangô.

4.5 – Jailson de Oxumaré²⁴



Jailson, aos 12 anos

²⁴ Orixá do arco-íris.

A primeira vez que encontrei Jailson dos Santos, irmão de Joyce, ele tinha 11 anos e hoje ele está com 20 anos. Naquela época, Jailson já era ogan e omoisan e me explicava-me suas funções. *“Como ogan toco os atabaques e como omoisan afasto os espíritos dos mortos com o isan (vara), para que eles não esbarrem nas pessoas no terreiro”*, contava Jailson. Assim como a irmã, ele foi criado na roça, pela avó. E também como ela, tinha machucados pelo corpo que não saravam apenas com o auxílio dos médicos. Aos três anos, Jailson foi “suspense” ogan e, aos 5, “suspense” omoisan. Jailson, assim como Ricardo, desempenha duas funções. Ele também me fala das diferenças entre as duas: *“São dois tipos de culto no candomblé. Um de lésè orixá e nesse já fiz todas as minhas obrigações. O outro tipo de culto é de lésè égún, que cultua os ancestrais, os espíritos de nossos mortos. Eu acho que, como o culto aos orixás é o culto da vida, para lidarmos com o culto aos égúns, ou seja, com a morte, temos de estar com todas as nossas obrigações de vida prontas”*. São fases, diz ele. *“E é preciso muita paciência e aprendizado para ir passando por todas elas nos dois cultos. Primeiro fui suspense ogan, cumpri minhas obrigações, depois fui confirmado omoisan e já posso tomar conta dos égúns quando estão no barracão. A última etapa é ser o ojé que lida mais profundamente com os égúns. Estou me preparando para fazer as obrigações de ojé”*, revela.

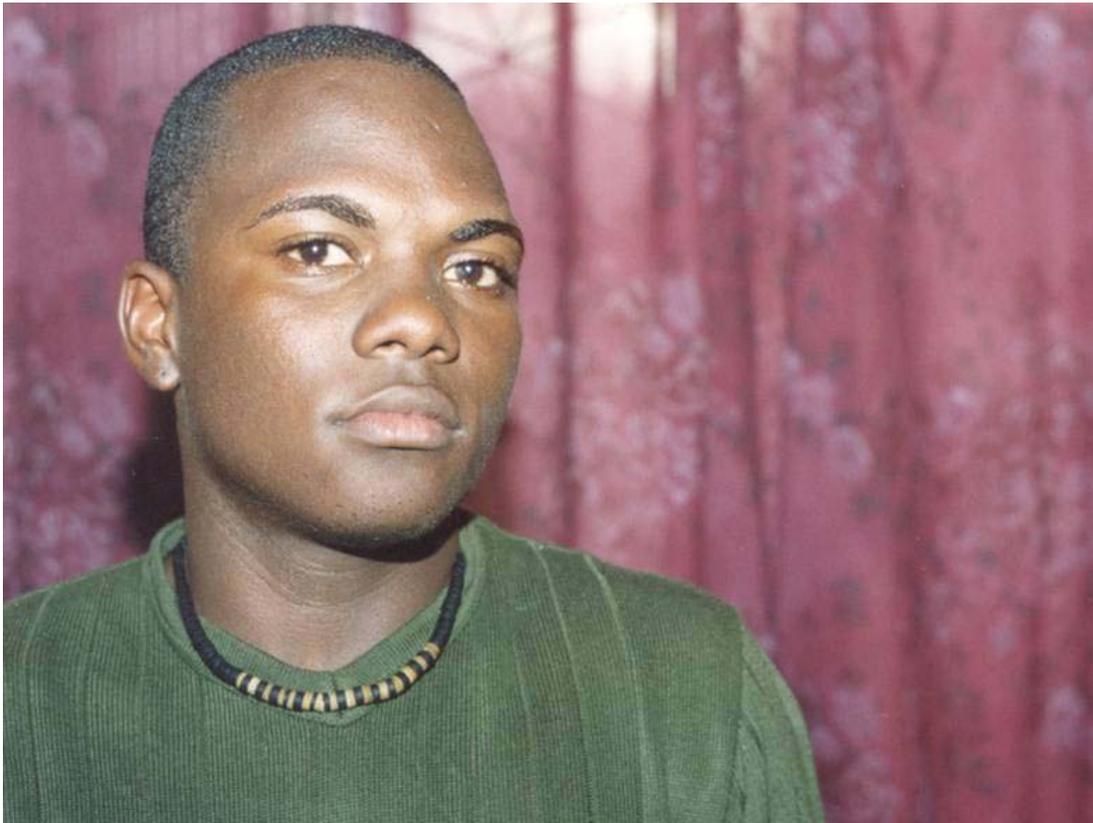
Jailson fala um pouco mais das diferenças na iniciação entre os dois cultos. *“No lésè orixá os iniciados se recolhem no roncó. Já no culto ao égún, o recolhimento é feito no igbó o quarto dos égúns”*, conta ele, mas fica por aí. O que acontece dentro do igbó, Jailson não pode revelar. É mais um awô, ou seja, segredo, na lésè dos égúns. Jailson quer completar suas obrigações no culto dos égúns, mas não tem pressa. *“Se eu passar por todo esse processo estarei completo para lese égún também. Tenho 15 anos de omoisan. Já até passou da hora de fazer a última obrigação, mas ainda não estou bem preparado, é uma preparação muito séria”*, diz Jailson. O menino franzino que conheci aos 12 anos, hoje é guardião de piscina do Corpo de Bombeiros e está concluindo o ensino médio. Também no trabalho Jailson enfrenta as etapas da vida. *“Hoje sou*

guardião de piscina e depois, se fizer tudo certo, serei guarda-vida. Mais tarde quero fazer faculdade de educação física”, planeja.



Jailson, 12 anos, toca ao lado de seu amigo Ricardo, 8 anos, durante uma festa no terreiro.

Jailson diz conciliar bem a vida no terreiro e sua vida pessoal. “Passei a infância e adolescência com compromisso do candomblé mas sempre joguei bola, soltei pipa. Tinha amigos dentro e fora do terreiro”, conta. Jailson afirma ainda que nunca se sentiu discriminado. “A não ser aquele preconceito normal”, diz ele. “Como assim, preconceito normal?” pergunto. “Ah, de me chamarem de macumbeiro!”. Para Jailson, antigamente o preconceito era maior. Pergunto como é que ele verifica isso e ele responde: “Não falo que sou do candomblé, se ninguém souber, ninguém discrimina”, diz. A namorada de Jailson não é de terreiro, mas ele se já se “abriu com ela”. Apesar de dizer que a namorada entende, prefere que a família dela não saiba sua religião. Amigo de Ricardo desde a infância, Jailson diz que alimenta um sonho com o amigo ogan. “Vamos até a África para ver como é praticar livremente o candomblé”.



Jailson, aos 20 anos: *“Nunca fui discriminado, a não ser aquele preconceito normal”.*

4.6 – Joseane não quis continuar



Joseana dos Santos, 16 anos: *“Eu desisti do candomblé porque as tarefas são muitas. Eu queria me divertir mais, ser uma adolescente mais livre. Mas ajudo quando é necessário”.*

“Fui vendo que era muita responsabilidade. Não fiz a iniciação porque percebi que não era o que eu queria. Queria sair mais, ir mais às festas e o terreiro exige muito. Não quero fazer a cabeça. Vou às festas quando quero e ajudo quando posso. Dizem que sou de Oxum, mas nunca confirmei isso no jogo”, diz Joseana dos Santos Martins, 17 anos, a terceira filha de Joelma Eloi, que só *“fez o santo”* depois de iniciar os filhos. *“Eu sempre precisei fazer o santo, tenho meus orixás de herança da minha falecida avó, Maria de Oliveira Santos, tive de cultuar. Minha mãe também é ekedi. Deixei para fazer a cabeça depois de meus filhos feitos e aí os orixás começaram a cobrar, afinal, meus filhos já estavam no*

santo e eu?”, conta Joelma que se iniciou há cinco anos, mas que já “virava no santo”, há muitos anos. Joelma também me diz que seu orixá é “Templo”, um orixá do qual eu ainda não tinha ouvido falar. *“É difícil encontrar um terreiro que cultue meu orixá, ele é de Angola. Nos candomblés de ketu cultua-se mais Obaluaê ou Omolu”*, explica.

Joelma também afirma que nunca impôs o candomblé aos filhos. *“Aqui nessa casa ninguém obrigou a ninguém. Tanto que Joseana não quis fazer o santo e não fez. Ela ia ao candomblé assim como os irmãos iam. Chegava a colocar roupa e ficava também no terreiro. Joyce e Jailson fizeram e ela não. Cada um escolhe o que quer”*, afirma Joelma. *“E quanto a Jonathan, seu filho mais novo, de 14 anos?”*, pergunto. *“Ele parecia que não ia gostar, até freqüenta a igreja católica, mas de um tempo para cá começou a gostar de festa de ègún. Chama para ir ao terreiro de orixá ele nem se anima, mas chama para ir a festa de ègún que ele vai. Não sei não”*, desconfia Joelma.

4.7 – Èpá heyi lansã!

E os verdadeiros autores dessa tese

O dia 18 de dezembro de 2004 seria mais um dia especial nesta pesquisa para mim e por vários aspectos. Cheguei ao terreiro de Mãe Palmira ainda de madrugada. Nem bem a luz iluminava de todo o quintal da casa e os filhos e filhas-de-santo já há horas trabalhavam. Ao passar em frente à casa de Paula Esteves (que, como já descrevi, fica em cima da cozinha e no próprio quintal do terreiro) ouvi a voz de Paulinha: *“Ô Stela, ninguém te merece aqui cedinho hein!”* e ria seu gostoso riso. Nem precisei olhar para cima e só ergui o gravador apontando-o para a varanda. A brincadeira de Paulinha foi como uma acolhida, era essa sua maneira de dizer que ficou feliz em me ver e que eu era bem-vinda.

Enquanto caminhava até o banquinho em frente ao barracão, onde geralmente me coloco, enfim descobria quem, na verdade, está construindo essa tese. Naquele momento me desiludi e despedi de mim as arrogâncias. Quem constrói essa tese, pensei, é o tempo.

É o tempo que passo junto a essas pessoas que, tecendo confianças, me coloca ali, em plena matança de lansã. É o tempo que, costurando intimidades, já me fazia acolhida por essas pessoas. É o tempo que, desenhando relações, já havia me tornado tão próxima a Paulinha e permitia entre nós brincadeiras e implicâncias. É o tempo que recolhia imagens e depoimentos de crianças e adultos nos terreiros e os guardava na memória que vamos construindo e reconstruindo enquanto caminhamos e enquanto enfiamos, todos juntos, esse fio-de-contas.



Acima, Mãe Palmira dirige todo o ritual da matança. Abaixo, Luana, Beatriz e Wellinson observam pela grade. Eles estão em pé, em cima de um banco, do lado de fora do barracão.



Era a primeira vez que eu presenciaria uma matança, ou, um ritual de sacrifício de animais. De acordo com Beniste, os ritos de sacrifício animal são destinados aos Òrisà e outras formas de espíritos.

Olórun ou Olódùmarè, o Ser Supremo, não solicita sacrifício com derramamento de sangue nem oferendas, pois Ele está acima das contingências por ser o Senhor das Essências, sem figurações, porque o Infinito não pode ser traçado por símbolos formais. A comunicação Homem-Deus é feita por pensamento e a palavra por excelência é Àse, que significa “que assim seja”, ou “que Deus permita que isto aconteça”, da qual os Òrisà são seus intermediários e encaminhadores de pedidos. (Beniste, 2002, p.68).

Ainda de acordo com Beniste, no sistema religioso afro-brasileiro não é Olórun quem opera nos fenômenos da natureza para o bom andamento da vida dos seres humanos. São seus ministros, os Òrisà; por este motivo, de acordo com o pesquisador, é a eles que são destinadas as oferendas. Cabe a Olórun referendar tudo o que é pedido ou não dar devido Àse a quem mereça.

O sacrifício deste dia era destinado a Iansã, dona da casa, orixá de sua Mãe-de-santo. Iansã era a homenageada, a grande orixá esperada. Todo terreiro estava enfeitado de rosa e salmão para ela. Do lado de fora do barracão uma grande mesa preparada para o café-da-manhã, quando o ritual acabasse. Na mesa, flores também de tons rosa e salmão, além de pães, queijos, sucos e bolos. No barracão, outra mesa bem grande forrada com uma toalha de cetim rosa. Em cima da mesa, três grandes bolos confeitados e muitos doces. Os atabaques também estavam adornados com toalhas floridas.

Logo na entrada do barracão. No canto esquerdo à porta, vejo uma cabra amarrada e enfeitada com um grande laço branco, no banco ao seu lado, azeite de dendê e plantas para o sacrifício. Ao lado da cabra, dois grandes engradados cheios de galinhas, pombos, patos e galinhas d'angola, todos também serão sacrificados.



Acima, Pai Zé segura a cabra que será sacrificada e oferecida à Iansã. Abaixo, Luana mostra à Beatriz algo que chamou sua atenção durante o ritual.



De acordo com Beniste, os reinos animal, vegetal e mineral estão à disposição do ser humano e liberam energias que são dirigidas ao destino especificado, segundo os desejos e objetivos.

Este processo que os menos esclarecidos costumam chamar de feitiçaria, é denominado magia. Cada Òrisà possui um determinado animal, vegetal, mineral e comidas e tudo libera energia. É uma alquimia que depende de muita habilidade, como a do Asógún, que sabe exatamente como segurar uma faca, como a Ìyágbàsè, que conhece os ingredientes do prato, e a Ìyálorisà, que sabe o Orò determinado, que conhece as regiões do corpo humano onde estão localizados os centros de força em que atuam os Òrisà e o que eles representam por ocasião dos oferecimentos. (op.cit., p. 68 e 69).

Beniste explica ainda, que o sangue é o elemento por excelência, considerado indispensável, pois *“se a vida do animal está no sangue, por essa razão é o primeiro elemento a ser oferecido às divindades, sendo colocado em cima dos assentamentos, que representam o próprio Òrisà”*. (op. cit, p. 69). Ao receber a vida dos animais, diz Beniste, os Orixás preservam a vida da pessoa, estabelecendo uma troca.

Os animais são selecionados pela sua natureza, pela sua força, por sua tranqüilidade e o calor de seu corpo, de acordo com a necessidade do momento²⁵. O alimento é a base da sobrevivência e será por meio dessa forma de compreensão que haverá posterior repasto comunitário entre todos os membros do Candomblé com o Òrisà. Tudo é feito mediante rezas, pedidos e promessas, numa comunhão mágico-religiosa. (op.cit.,p. 69 e 70).

O sacrifício é totalmente dirigido pela Mãe-de-santo. Mãe Palmira é auxiliada por sua Mãe-pequena, Mãe Muta. Todos no terreiro se concentram na Mãe-de-santo é ela quem diz se tudo está correndo bem e que também se irrita quando percebe algo de errado. Minha atenção está no ritual do sacrifício, mas, obviamente, não desvio meu olhar das crianças que circulam livremente pelo barracão. Contudo, neste dia noto que, apesar de poderem circular livremente, as crianças observam mais do lado de fora. Elas se ajoelham no banco que fica na parte externa ao barracão, mas encostado à parede deste. Na parede há uma

²⁵ Beniste diz ainda que o pombo é o animal com sangue mais quente, e os animais de quatro patas, com sangue mais frio. O pato representa a água, a galinha d'angola, o fogo, o galo, a terra, e o pombo, o ar. (o autor pede para ver Órun-Àiyé de sua própria autoria, p.305).

grade e dali, elas olham tudo. Às vezes parecem assustadas e permanecem na porta do barracão, mas, ao mesmo tempo, entram e saem do barracão, sempre respeitando o ritual que acontece.

Também neste dia, dois ogans estão sendo confirmados e, ao final do sacrifício, finalmente lansã chega e incorpora em Palmira. A alegria é geral, todos dançam e fazem a saudação da grande orixá: “*Èpá heyi lansã!*” As crianças também saúdam: “*Èpá heyi lansã!*” Vários orixás chegam para o grande momento.

Todo o terreiro vibra. lansã permanece entre seus filhos e filhas-de-santo por uma hora e meia. Ela entra em seu quarto e, depois de um tempo manda chamar Luana, de 4 anos, neta de Mãe Palmira. Luana entra no quarto e fica lá por alguns momentos, depois sai e torna a voltar correndo para o quarto, chamando pela avó. lansã chama seus filhos de santo e deixa um recado para eles que é dado pelo filho carnal de Mãe Palmira, Marcos Navarro, ogan da casa e pai de Luana.

De acordo com o ogan, lansã mandou dizer que estava um pouco aborrecida porque queria que seus filhos e filhas tivessem dormido à noite no terreiro na véspera da matança, o que só alguns poucos fizeram. Ela também pediu pela união de todos em prol da casa, agradeceu aos filhos e filhas que pagam as mensalidades e também aos que não pagam. Pediu ainda que todos falassem menos para evitar fofocas já que temos dois ouvidos para ouvir mais, dois olhos para enxergar mais e apenas uma boca justamente para falar pouco. Por fim, lansã anunciou quem será a sucessora de Mãe Palmira, será Luana da Cruz Navarro, de quatro anos, neta da própria Mãe-de-santo, quem assumirá a direção desta casa quando a avó se ancestralizar.



O objetivo dessa pesquisa não é “dar voz” às crianças de terreiro. Basta olhar Beatriz, do *Ile Omo Oya Legi*, gritando: “*Èpá heyi lansã!*” e ver que isso não é necessário. Todas elas têm sua própria voz.

4.7.1 – O abraço de lansã

Enquanto lansã estava no terreiro, uma longa fila de filhos e filhas-de-santo se formou. Todos queriam abraçar o Orixá. Fui para fora do barracão e fiquei fotografando²⁶ e observando. Foi então que Chica, uma filha-de-santo, veio com um pano para amarrar em minha cintura, o objetivo era que, já que eu estava de calça comprida, com o pano na cintura pudesse entrar e também abraçar lansã. Neguei. Pensei que já estava misturada demais ao campo de pesquisa e afinal eu, uma marxista convicta abraçando um Orixá?

A fila foi indo, foi indo e eu ali parada com uma vontade estranha crescendo dentro de mim. De repente dei um salto e falei: “*Chica, cadê o pano?*” Ela riu e alfinetou o tecido em minha cintura. Pedi a ela: “*Vai comigo?*” Chica foi, ficou ao meu lado na fila e, quando chegou minha vez, fiz como todos fizeram, deitei aos pés do Orixá, bati a cabeça no chão, levantei e abracei não Mãe Palmira, a quem abraço todas as vezes que chego ao terreiro, abracei lansã.

Um rio de ternura percorreu meu corpo e, do fundo de mim, ouvi sussurrando a voz de Jonas, personagem de Mia Couto: “*Desculpe, a franqueza não é fraqueza: o marxismo seja louvado, mas há muita coisa escondida nestes silêncios africanos. Por baixo da base material do mundo devem existir forças artesanais que não estão à mão de serem pensadas*”. (Couto, 2005, p.74).

²⁶ Neste dia, Mãe Palmira me autorizou apenas a fotografar antes e depois da matança. Nada durante o ritual do sacrifício me foi autorizado fotografar. O que, obviamente, obedeci.



Fila, na porta do barracão, que se estende até o lado de fora, para abraçar lansã

4.8 – Luana de Iansã, 4 anos, futura mãe-de-santo
Sucessora de Mãe Palmira



Luana Navarro, 4 anos.

Descrevi anteriormente como Iansã, incorporada em Mãe Palmira, no dia 18 de dezembro, anunciou que a sucessora de Mãe Palmira, Yalorixá do Ile Omo Oya Legi será Luana da Cruz Navarro, de quatro anos, sua neta. De acordo com Mãe Palmira, *“Iansã deu apenas uma suposição”* e afirma também que não havia disputa em torno de sua sucessão. *“Quando se tem pessoas da família da mãe-de-santo que são iniciadas, a tendência é que uma dessas pessoas assuma o lugar da mãe-de-santo quando ela morre, mantendo assim a hierarquia. Hoje em dia, após um ano do falecimento da mãe-de-santo faz-se um jogo de búzios para ver quem será a sucessora da casa e assumirá o comando da casa de candomblé. Luana está para ser iniciada e há uma grande possibilidade de que seja confirmada no jogo após a minha morte. Paulinha de Xangô seria então sua mãe-pequena”*, revela a mãe-de-santo. Para Palmira de Iansã, essa é uma forma de que a próxima geração continue o candomblé. De acordo com ela, Luana precisa ainda se chegar mais ao candomblé. A mãe de Luana tem um posto de ojoye, o pai é ogan e vão começar a preparar a menina que já dá demonstrações como tremer, chorar e ficar quente nas festas ao ouvir os toques de candomblé.

“Minha filha ainda não está preparada, sentia muito medo, mas aos poucos, vai perdendo e se habituando. Quando acharmos que ela está preparada ela começará a aprender as coisas. Não há problemas nessa sucessão, talvez se Palmira não tivesse uma neta a Paulinha assumisse a casa, mas há o sangue e é o sangue que fala mais alto no terreiro”, disse Flávia da Cruz Navarro, mãe de Luana, no dia 18 de dezembro de 2004, tão logo o destino da filha fora anunciado. Pergunto como é para Luana lidar com a avó Palmira Navarro e com Iansã que incorpora na avó. *“Não há problema, às vezes Luana pede para a avó chamar Iansã”*, revela Flávia. Caso Palmira de Iansã se ancestralize antes de Luana estar preparada, uma filha-de-santo experiente e das mais velhas da casa assumirá o cargo provisoriamente. Pode ser Mãe Muta, a Mãe-Pequena do terreiro ou Rita de Oxalá, Iya-efun, a mãe que pinta as iaôs. De qualquer forma, ainda que para exercer, provisoriamente, a maior função do terreiro, é Iansã quem decidirá.



Luana observa o sacrifício de Iansã, dia em que foi anunciado por este orixá que a menina seria futura Mãe-de-santo.

4.8.1 - “Kotokuto”, um novo orixá

“Abenção minha mãe”, era assim que muita gente no terreiro, no dia 18 de dezembro de 2004, passou a cumprimentar Luana, tão logo Iansã anunciou que ela seria a sucessora de Mãe Palmira. A saudação vinha acompanhada de gestos. Alguns pegavam sua mão e beijavam. Luana logo limpava as costas da mão na pequena saia do vestido. Outros se deitavam diante dela e diziam uma saudação. Luana ria com sua boneca no colo. Muitos brincavam: *“Agora quero ver quem é que vai brigar com a Luana!”*

Depois nos sentamos, Luana e eu, no banquinho do lado de fora do barracão. Ela pega meu caderno de campo e fica folheando. De repente encontra uma folha em branco e faz as letras “a” e “e” e começa a desenhar. Pergunto o que é. “Os orixás”, responde ainda desenhando. “Quais?” digo eu. “Iansã e Oxum, que gosto mais”, diz a menina e começa a fazer mais um desenho. “E esse agora, quem é?” pergunto. “É Kotokuto!”, diz ela rindo. “Kotokuto, que orixá é esse?”. “É um orixá que eu acabei de inventar!”, responde Luana caindo na gargalhada. “E se pode inventar orixá Luana?” pergunto rindo com ela. “É claro que se pode, eu inventei, é Kotokuto e pronto!”, disse a futura mãe-de-santo antes de sair correndo pelo quintal rindo muito, com sua boneca nos braços.



Luana desenha no meu caderno de campo, da esquerda para direita: Iansã, Oxum (seus orixás prediletos, segundo ela me diz) e, o maior deles, é “Kotokuto”, um orixá inventado por ela mesma. O desenho foi feito no dia 18/12/2004 – Dia da Matança para Iansã, quando o orixá, revelou que Luana será a sucessora de sua avó. Há mais detalhes: Luana, enquanto desenha os orixás que mais gosta, fez as letras “a” e “e”, o que mostra que está sendo alfabetizada e que o espaço escolar e o espaço do terreiro se misturam. No desenho de Iansã, Luana cortou o corpo do orixá em nove partes. Um dos mitos deste orixá diz que seu corpo foi mesmo partido nove vezes o que gerou seus nove filhos. Conversei com Luana tempos depois e ela não sabe esse mito ainda.



Luana de Iansã: *“Kotokuto é o novo orixá que inventei!”*

4.9 – Conceição de Xangô, Michele de Oxum e Alessandra de Iansã Mãe e filhas ekedis²⁷

Dona Conceição dos Santos, hoje com 51 anos, foi confirmada ekedi aos 32 anos. A dona de casa é filha de Xangô e tem duas filhas: Michele²⁸, hoje com 15 anos e Alessandra, 11 anos. As três ekedis são mais um exemplo de como, apesar de existirem outros motivos, o *parentesco* é o elemento mais determinante para a iniciação de uma criança no candomblé. Tanto é assim que dona Conceição explica: *“Toda minha família é do santo. Minhas irmãs, minhas primas e os filhos dessas assim como minhas filhas. A nova geração vem substituindo a nossa que já está velha”*, afirma. Ekedis são filhas-de-santo cuja função é cuidar dos orixás no terreiro, mas, assim como os ogans, não incorporam entidades.

Dona Conceição prometeu Michele à Oxum, orixá das águas doces, e Alessandra à Iansã, orixá do vento, quando ainda estava grávida. Michele e sua irmã, bem como muitas crianças filhas e filhas de filhos-de-santo, praticamente nasceram no terreiro freqüentado por sua mãe, neste caso, o Axé Opó Afonjá (de nação ketu) localizado em Coelho da Rocha, Baixada Fluminense. *“Eu ia e levava as duas”*, diz dona Conceição. Assim, desde bem pequenas, com um ou dois anos, as meninas mal ouviam o som dos atabaques e perguntavam ansiosas: *“Onde é a macumba?”*

Regina Lúcia Fortes dos Santos, atualmente a Mãe-de-santo do Axé Opó Afonjá me afirmou há alguns anos que não aprovava a iniciação de crianças, mas não se julgava no direito de ir contra a vontade dos pais que a procuravam e também contra a determinação dos orixás. *“Acho que é muita responsabilidade para as crianças, mas os pais nos procuram e os orixás confirmam as crianças”*, explicou-me em 1992.

²⁷ Optei por esta forma de grafar o cargo por reproduzir a forma escrita por Beniste, autor que mais pesquisei a respeito desses cargos. Encontrei em outros autores a palavra grafada ainda como equedes ou ekedis.

²⁸ Michele dos Santos foi uma das crianças que conheci ainda na época da reportagem e com a qual havia perdido contato que só foi retomado em 2004.

É da época deste depoimento de Mãe Regina Lúcia, a foto em que Michele aparece aos dois anos, quando era apenas prometida à Oxum. Dona Conceição avalia, no entanto, que *“apesar da promessa, a gente nunca sabe o que o orixá vai determinar”*. Não demorou muito para que a vontade do orixá se revelasse. Aos três anos Michele foi suspensa ekedi por Oxossi. Então, ela é filha de Oxum, mas ekedi de Oxossi. Da mesma forma que Alessandra é filha de Iansã e ekedi de Iemanjá. Dona Conceição é filha de Xangô e ekedi de Oxalá.

Michele e Alessandra foram preparadas pelo terreiro e pela família até que, a primeira foi confirmada aos 12 anos e, a segunda, aos 9 anos. A festa de confirmação (saída) das duas irmãs aconteceu no mesmo dia, 20 de julho de 2002, festa de Iemanjá. Nem Michele nem Alessandra revelam muita coisa de seus processos de confirmação, assim como as outras crianças, quando insisto, elas são firmes: *“Isso é segredo!”*. Contudo, Michele me fala um pouco de suas responsabilidades no terreiro: *“Eu visto a pessoa que está manifestada, troco sua roupa, e depois encaminho o orixá ao orun para que a pessoa que o recebeu possa voltar”*.

Alessandra faz as mesmas coisas e acrescenta: *“Eu também seco o rostinho do orixá com uma toalhinha e é disso o que eu mais gosto. Só não gosto de dançar porque tenho vergonha”*, diz.

Fico um pouco confusa com o fato das meninas e também dona Conceição serem filhas de um orixá e ekedis de outro. Pergunto se isso não gera nenhum conflito. Michele responde que não. *“Sou filha de Oxum e ekedi de Oxossi, cuidamos de todos os orixás, mas principalmente daquele de quem somos ekedi quando ele está no terreiro. O carinho é o mesmo por todos, a dedicação também, mas no meu caso, se Iansã está no terreiro e Oxossi também, primeiro cuido de Oxossi”*, revela. *“Já comigo é diferente”*, continua Alessandra. *“Se Iemanjá estiver no terreiro, é dela que devo cuidar primeiro”*, explica.



Michele (aos dois anos) – nome fictício.

Ekedis também têm quizilas. Michele, por exemplo, não pode comer cana nem manga espada por causa de Oxum. “*Se comer cana fico inchada, se comer manga espada fico toda empolada*”. A quizila de Alessandra é só com abóbora por causa de Iansã. “*Não gosto mesmo de abóbora, nem tem problema*”.

Michele diz ainda que, assim como é o jogo de búzios que determina o orixá de uma pessoa, também é o jogo de búzios que aponta a função que esta irá desempenhar no terreiro. “*Ou então o santo vem e se manifesta, pode tomar a pessoa ainda criança ou adolescente e anunciar qual é seu orixá e mesmo determinar sua função*”, acrescenta dona Conceição. Foi também dona Conceição quem me explicou que a função apontada pelo orixá é definitiva, a pessoa a terá para sempre. É o que faz com que Michele e sua família saibam que nenhuma das três jamais irá virar no santo. “*Esse foi o nosso destino no santo e nos orgulhamos muito dele*”, garante dona Conceição.

Michele não fica atrás do orgulho que a mãe manifesta pela religião. “*Eu amo o candomblé*”, afirma, “*Amo a hierarquia, as festas, os rituais, os orixás*”, acrescenta. Para ela, contudo, existe ainda um motivo mais forte para tanta convicção. “*Sou negra! O candomblé é uma religião negra! E todos nós os negros devíamos ser do candomblé, isso nos faria ser mais unidos e mais fortes*”, disse-me a menina. Contudo, a firmeza de Michele quando fala sobre preconceito e a vergonha toma o lugar do orgulho. “*É muita zoação. Não dá para agüentar*”. Ao falar da escola, a voz enfraquece, quase some. “*Na escola é muito pior*²⁹”, afirma.

Alessandra também que, na rua, é chamada de macumbeira. Qualquer briga corriqueira com colegas acaba no que para eles (os colegas) é um xingamento: “*Sua macumbeira!*” Dona Conceição acha que as filhas devem enfrentar o preconceito com firmeza e sem qualquer vergonha. Veremos a seguir que isso não é fácil para as crianças que acabam inventando formas para fugirem do preconceito. Veremos também que contradições o preconceito gera mesmo nessa família tão fortemente formada no candomblé.

²⁹ Voltarei à fala de Michele no capítulo sobre a escola e o candomblé.

4.9.1 – Xícaras de Xangô e oferendas

Polêmicas entre mãe e filha

Era uma tarde bastante agradável na casa de Michele e sua família. Pela primeira vez consegui reunir dona Conceição, Michele, sua irmã Alessandra, seu pai, “seu” Jorge, para uma entrevista. Jorge Luiz Faria, 51 anos, marido de dona Conceição e pai das meninas, também é ogan (só que de outro terreiro, em Guadalupe, cuja nação é Angola) e praticante de candomblé “*desde sempre*”, como ele mesmo declara. Para “seu” Jorge, é bom que toda a família pertença ao candomblé. “*Acho que se todos nós não fossemos macumbeiros é que não daria certo. Elas ficam às vezes três ou quatro dias no terreiro delas, eu também fico no meu. Pelo menos sabemos onde cada um está e tudo com muita confiança*”, afirma o ogan que tem outras duas filhas do primeiro casamento que são iniciadas no candomblé. Jorge dos Santos também não vê problema no fato de freqüentar um terreiro diferente da mulher e das filhas. “*Vou às festas do terreiro delas e elas vão no meu. Não há conflito*”, garante.

Como já disse, não sou eu quem escreve essa pesquisa é o tempo com seus infinitos dedos. E por ser o tempo um grande inventor de laços, conversávamos e ríamos, principalmente das implicâncias, com relação ao candomblé, de Michele com sua mãe. Contradições até então não reveladas para mim.

Será impossível descrever o quanto Michele é engraçada. Ela tem um gingado, umas gírias, um modo de encarar quando fala, (ao olhar, levanta o queixo e empina mais o lado direito). O grande problema entre Michele e dona Conceição era o seguinte: a primeira acha que a segunda exagera ao exibir seu pertencimento ao candomblé. “*Fala sério Stela, minha mãe precisa andar sempre com uma coisa de macumba?*” pergunta Michele. “*Eu gosto da minha religião, não tenho vergonha e sempre ando mesmo com alguma coisa que identifica o candomblé, fio-de-conta, brinco, qualquer coisa*”. Responde dona Conceição.

Michele interrompe: “Ninguém merece! Minha mãe **sempre**³⁰ tem de mostrar que a gente é macumbeiro. Todo mundo fica sabendo. Esse brinco que ela está agora ainda disfarça mas tem uns que são **totalmente** de macumba”. Pergunto: “Cadê dona Conceição, os que são **totalmente** de macumba?” Dona Conceição levanta e vai buscar os brincos. Enquanto isso, pergunto para Michele o quê mais identifica para seus amigos que ela e sua família são do candomblé. “Tá brincando Stela? olha essa sala (aponta os vários quadros de orixás. Tem um bem grande de Ogun logo na entrada do apartamento). Não dá nem para disfarçar. Quem chega vê!”, diz Tauana. Dona Conceição volta com as mãos cheias de brincos, os que Tauana considera **totalmente** de macumba e me mostra toda orgulhosa.

Enquanto “seu” Jorge prepara um café na cozinha, Michele continua reclamando: “Ano passado, minha madrinha, Mãe Meninazinha d’Oxum, fez um CD³¹, no lançamento fomos a caráter (com *abadá*, um tipo de camisa folgado, de mangas curtas usado por alguns povos na África). *Inacreditável!*”. A mãe interfere rindo: “-*Uma maravilha!*” - e me serve o café em uma pequena xícara com imagens de Xangô. Michele reconhece as xícaras e não aguenta: “Tá vendo só! Precisa servir café nas xícaras de Xangô mãe? É isso que eu falo! É camisa de Ogun, toalha de Oxum! Por isso que meus colegas me zoam!” E todos nós rimos muito. Pergunto ainda se Alessandra pensa assim também e ela responde que não. “Eu sou mais tranqüila”, diz a ekedi. “É, a única neurótica aqui sou eu mesmo”, brinca Michele.

No carnaval de 2005, a família me conta, houve mais uma polêmica entre Michele e sua mãe que, junto com Alessandra e outros parentes desfilaram com roupas africanas na Cubango, uma escola de samba de Niterói, do grupo de acesso, que homenageou os orixás. “Minha mãe, claro, saiu de casa pronta com as roupas africanas. Eu e minha irmã só nos arrumamos lá e depois tiramos a roupa rapidinho”, disse Michele, afirmando ainda que no ônibus muita gente olhava dona Conceição e cochichava.

³⁰ Deixo em negrito para reproduzir a ênfase que tanto Michele como eu demos a essas expressões.

³¹ Trata-se do CD - ILÊ OMOLU OXUM – Cantigas e toques para os orixás, da Coleção Documentários Sonoros produzido, em 2004, conjuntamente pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro e pelo Ilê Omolu Oxum, de Mãe Meninazinha, em São João de Meriti, Baixada Fluminense.

O pior para Michele, no entanto não foi isso. De acordo com ela, na sexta-feira de carnaval, sua mãe “*achou de fazer uma oferenda perto de casa*”. “*Fui pedir licença para Exú, era sexta-feira de carnaval, não podíamos sair sem isso*”, retrucou dona Conceição. “*Perto de casa mãe? E eu ainda tive de ir, fiquei bem longe falando para ela andar e baixar as coisas rápido. A droga era que o ponto de ônibus estava bem cheio e todo mundo viu, fiquei disfarçando*”, conta Michele, acrescentando também que quando dona Conceição pediu para ela chegar perto e ajudar apenas respondeu: “*É ruim hein!*”. Para Alessandra não houve problema em participar da oferenda. “*Eu fui e ajudei*”, disse.

4.9.2- Ekedis não raspam a cabeça

E outras diferenças com as iaôs

Dona Conceição, no candomblé desde os 14 anos, me fala um pouco mais sobre o processo de confirmação de uma ekedi, cujo tempo de recolhimento é menor do que o tempo de recolhimento para as iaôs (*filha-de-santo iniciada*). “*Os preceitos são os mesmos, só não raspamos a cabeça como os que são feitos no santo e ficamos recolhidas menos tempo*”, revela.

Beniste (2001), explica também que tanto uma ekedi como um ogan passam pelo ritual chamado *Bólóna(n)*, para verificar a sua condição de ter apenas o santo assentado, ou, no caso de alguma reação, ser recolhido como Adósú³².

Em outras palavras, diz Beniste, a intenção é contrária ao ritual feito para as pessoas que são Adósù, ou seja, provar que não se manifestam com Òrisà em nenhuma hipótese. Isto tem o objetivo de evitar que, num futuro, um ogan venha a se aventurar como pai-de-santo ou uma ekedi como mãe-de-santo, sendo este o momento de comprovação.

“Quando uma iaô se recolhe no roncó, ela só pode sentar ou deitar em uma esteira, as ekedis também, mas na festa de confirmação as ekedis já podem

³² Segundo Beniste, o Adósú é o equivalente à Ìyàwó (iaô), por ela usar o Osù e ser raspada. Há casos, porém, na iniciação de um Ogan, de ele usar o Osú, o que amplia a relação, de acordo com este autor. (Beniste, 2001, p.77).

se sentar em cadeiras. As iaôs, no nosso terreiro, permanecem com essa proibição por mais três meses. Mesmo em um ônibus, ainda que tenha lugar vago, não podem sentar. É que seus corpos estão muito limpos e não podem receber impurezas”, explica dona Conceição, evidenciando que a proibição não é tão rígida para as ekedis. *“Ao sairmos do recolhimento, não dormimos logo em camas, continuamos dormindo em esteiras mesmo em casa, mas por pouco tempo*”, acrescenta.

Durante o recolhimento, dona Conceição revela que, assim como as iaôs, as ekedis, não comem a comida de orixá com talheres. *“É com a mão mesmo*”, diz. Michele não gostou muito da experiência de comer com a mão, já Alessandra, adorou.

4.9.3- Para escapar do preconceito *Estratégias para se tornar invisível*

Michele e Alessandra me segredam: *“Só andamos vestidas de santo em Coelho da Rocha, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense*”. E é Alessandra quem explica o porquê. *“Porque lá as pessoas sabem que freqüentamos aquele terreiro. Lá parece que somos menos estranhas, mais normais*”. Michele completa: *“Minha avó era filha-de-santo desse mesmo terreiro e era muito cara-de-pau, andava pelas ruas de Coelho da Rocha com roupa de santo sem nenhum problema. Acho que, de algum jeito, nos respeitam lá por isso e até nos tomam a benção na rua. Sinto que nosso lugar é lá*”, afirma.

Para entender esse “lá” a que as meninas se referem, convém lembrarmos que no capítulo 2 dessa pesquisa, a antropóloga Yvonne Maggie explica que, por serem estas religiões classificadas como primitivas, fetichistas e mágicas, elas sempre foram vistas, frente a outras religiões, num estágio inferior da evolução cultural. Ainda segundo Maggie, com o crescimento das cidades, uma nova associação será produzida gerando a oposição rural-urbano. Como vimos, a autora evidencia que o pólo rural será associado a traços primitivos, emocionais e

não racionais, enquanto o pólo urbano guardará traços mais civilizados, não emocionais, racionais.

Da mesma maneira lembremos que Augras, conforme já explicitado também no capítulo 2 dessa tese, ressalta que, no último quarto do século XIX, a *Pedra do Sal* (hoje tombada), situada no morro da Conceição, no bairro da Saúde, no centro da cidade, desempenhou papel privilegiado na fixação e expansão do candomblé no Rio de Janeiro. Significativo núcleo de famílias baianas, diz a autora, havia se constituído naquele morro, mas com a destruição do casario colonial e com a modernização da cidade e a conseqüente valorização de sua área central, esses grupos foram empurrados para os morros, onde iriam constituir favelas.

As casas-de-santo, afirma Augras, foram paulatinamente migrando para a Zona Norte, em seguida para os subúrbios, e, finalmente, a periferia, ou seja, a Baixada Fluminense. As constantes mudanças não eram causadas apenas por uma “reorganização urbana”. Nas “reorganizações” estavam inseridas as perseguições aos terreiros e a seus fundadores e freqüentadores. Beniste (2001), vê, inclusive, na forma como foram instalados os primeiros terreiros, elementos para a reconstrução dos ritos de candomblé no Brasil.

Não eram roças organizadas. Na realidade, eram espaços dentro das residências ou quartos em casas coletivas, onde os assentamentos eram todos juntos, guardados em armários ou num canto do quarto. E era nesses locais minúsculos que se realizavam as iniciações, festas e comidas votivas. Tudo muito discretamente e sem barulho que pudesse provocar reprimendas de vizinhos ou da polícia. (Beniste, 2001, p.230)

De acordo com o pesquisador, o Candomblé do Engenho Velho, surgido em 1830, passou por diversos outros lugares até 1855, onde se encontra até hoje. Assim como a Yalorixá Aninha, do Àse Òpó Àfônjá, antes de se instalar em São Gonçalo do Retiro (Bahia), em 1910, residiu em outros locais, realizando iniciações. Ainda segundo Beniste, o Axé do Rio de Janeiro foi iniciado em 1886 pela mesma Aninha. Sua sucessora Agripina mudou-se constantemente para diferentes quartos e casas modestas até se instalar definitivamente em Coelho da Rocha, em 1946. *“Quem fundou nossa casa foi Ana Eugênia dos Santos, Mãe*

Aninha e deixou como sua sucessora Mãe Agripina de Souza, que, inclusive, dá hoje nome à rua onde fica nosso terreiro”, diz Mãe Regina Lúcia.

Esse é o terreiro que Michele e sua família freqüentam. Esse é o “lá” de Michele e Alessandra. Lá na Baixada para onde os negros foram empurrados com suas casas de candomblé e suas crenças. “Lá” onde podem ser o que são desde que permaneçam escondidos. Sabemos ainda que mesmo essa “segurança” para serem o que são, é frágil já que existem inúmeros registros de discriminações (inclusive as sofridas pela própria Michele, Ricardo e Paula há alguns anos atrás), na Baixada Fluminense.

Dona Conceição diz o que pensa sobre a questão. *“Acho que se nossa religião é uma coisa que amamos tanto, não deveria nos causar, nem a mim, nem às minhas filhas, nenhum tipo de dor, nenhum tipo de constrangimento”.*

As meninas também pensam assim, mas não vêem outra maneira de atenuar o sofrimento causado pela discriminação a não ser inventar formas de invisibilidade para poderem integrar os grupos sociais com os quais convivem. *“Freqüentei a igreja aqui do bairro por três anos, só para disfarçar. Ia às missas, fiz até Primeira Comunhão. Queria que as pessoas pensassem que eu era católica, talvez parassem de zoar. E eu também queria ter mais amigas”,* revela Michele. Alessandra também freqüentou só que por menos tempo. Perguntei por que elas saíram. *“É muito chato! É chato demais! Ninguém merece aquelas músicas. Senti falta dos tambores, das nossas músicas mais alegres, das nossas danças. Não suporter”,* desabafou Michele.



Dona Conceição: Acho que se nossa religião é uma coisa que amamos tanto, não deveria nos causar, nem a mim, nem às minhas filhas, nenhum tipo de dor, nenhum tipo de constrangimento”.

Toco ainda a respeito de mais uma questão antes de encerrarmos esse que foi nosso último encontro durante a pesquisa. “*E com os namorados meninas? Como vai ser?*”, pergunto. “*Deus me livre dizer que a gente é macumbeira. Vamos esconder!*” respondem em coro.

Pergunto a Michele se ela realmente sente orgulho de sua religião e ela responde que sim. Pergunto então porque ela insiste em se esconder e ela responde: “*Quando o Brasil for diferente, quando não existir mais preconceito, não precisarei esconder nem minha religião nem o orgulho que sinto dela*”, afirma.

As estratégias para se invisibilizar e poderem ser socialmente reconhecidas adotadas tanto por Michele como por Alessandra não se limitam à comunidade onde moram. Elas se estendem à escola e veremos isso no capítulo 5(O candomblé e a Escola).

4.10 – Mãe Beata de Yemonjá

Minha mãe chamava-se do Carmo, Maria do Carmo. Ela tinha muita vontade de ter uma filha. Um dia, ela engravidou. Acontece que, num desses dias, deu vontade nela de comer peixe de água doce. Minha mãe estava com fome e disse: ‘Já que não tem nada aqui, eu vou para o rio pescar’. Ela foi para o rio e, quando estava dentro d’água pescando, a bolsa estourou. Ela saiu correndo, me segurando, que eu já estava nascendo. E eu nasci numa encruzilhada. Tia Alafá, uma velha africana que era parteira do engenho, nos levou, minha mãe e eu, para casa e disse que ela tinha visto que eu era filha de Exu e Yemanjá. Isso foi no dia 20 de janeiro de 1931. Assim foi meu nascimento. (Yemonjá, 1977, p.11).

O fato descrito por Beatriz Moreira Costa, hoje com 74 anos, aconteceu em Cachoeira do Paraguaçu, no Recôncavo Baiano. Beatriz Moreira foi criada dentro do candomblé e no dia 26 de junho de 2005 completou 50 anos de iniciada (a iniciação ocorreu no terreiro de Alaketu, na Bahia), quando se tornou Beata de Yemonjá.

No Rio de Janeiro há mais de 20 anos, Mãe Beata já foi cabeleireira, costureira, fez curso de teatro amador, trabalhou em teatro, trabalhou na Rede Globo como costureira, mas também atuou como figurante em várias novelas (Cabana do Pai Tomás, Verão Vermelho, Bandeira Dois, Meu Primeiro Amor) “*Era figurante, mas era avançada*”, lembra. Aposentada como costureira pela Globo,

atualmente é escritora com vários livros lançados, entre eles, “Caroço de Dendê – a sabedoria dos terreiros”, publicado pela Pallas, em 1997. Além disso, a yalorixá escreve cordel, poesia e música.

Mãe Beata tem muito orgulho em dizer: “*Sou filha carnal de Maria do Carmo, uma mulher negra e minha família-de-santo tem Olga de Alaketu como figura central, descendente direta de africanos, da família Arô, em Ketu*”, afirma. E foi a própria Olga de Alaketu que inaugurou, no dia 20 de abril de 1985, o ILE OMIOJUARO, cujo significado Mãe Beata explica: “*Ile é casa, Omi é água, Oju significa olhos ou cara e aro, a família da qual sou descendente*”.

4.10.1 – Preconceitos na infância

Beata de Iemanjá lembra dos preconceitos que sofreu quando criança e conta um dos mais marcantes. “*Quando eu pequena, meu sonho era me vestir de anjo para participar de uma procissão na Igreja. A professora não deixou. Disse que eu não podia porque era negra!*”, revela. Sabendo disso, no fim de 2004, os amigos da comunidade brasileira em Berlim fizeram uma homenagem para a mãe-de-santo. A vestiram de anjo e a fotógrafa Ione Guedes a fotografou em frente a um grande monumento em Berlim. A foto participou de uma exposição na Alemanha.

Mãe Beata me conta sobre como superou os preconceitos e de como vê sua função de yalorixá. “*Isso me marcou, mas hoje eu não tenho vergonha! Eu vivo e me alimento de minhas raízes. Não estou no candomblé só para ouvir sua história. Eu sou a história. A oralidade do candomblé me pertence e vive dentro de mim*”. No meu egbé³³, não se torna uma yalorixá quando se é iniciada. A pessoa tem de ser, de fato, yalorixá. Ela deve trazer um sinal que aponta que, não importa quanto tempo leve, 10, 20 ou 30 anos, mas essa pessoa será uma yalorixá, uma mãe de santo. Ela então irá assumir a responsabilidade com seu egbé, com sua

³³ (Egbè): fazenda, associação, comunidade; no candomblé, comunidade o terreiro; também emoções profundas, coração. (Prandi, 2003, p. 565).

sociedade, com a cabeça de seu corpo. Eu só fui então ser uma yalorixá depois de 30 anos de iniciada. Sou da terra de Xangô, de Tapa. Sou de lemanjá, a dona do meu orixá”, afirma.

4.10.2 – A iniciação de crianças no terreiro de Mãe Beata

Disse anteriormente que no terreiro de Mãe Palmira, para ser iniciada, uma criança precisa ter, no mínimo dois anos, como foi o caso de Paula Esteves. A exceção, segundo Mãe Palmira, é se for caso de vida ou morte e determinação do orixá.

No terreiro de Mãe Beata também é o jogo de búzios que decide, mas as iniciações em crianças com menos de dois anos são mais comuns. “*Só inicio quem tem direito a ser iniciado e é o jogo quem define. Se a criança tiver de ser iniciada com um mês de iniciada é o jogo quem fala. São os orixás que falam através do jogo*”, revela. E continua: “*Para ser iniciada não é só raspar a cabeça. Um ogan também é iniciado e não raspa a cabeça, uma ekedi é iniciada e não raspa a cabeça. Um ogan vira um iniciado e um iniciado não vira um ogan, não traz o santo do ogan. A criança mesmo com um mês raspa a cabeça e fica recolhida. Para isso existem os mais velhos para tomarem conta. A criança seja de que idade for, fica no quarto os dias que o jogo determinar e se forem 21 dias ficará os 21 dias. A criança tem todo direito de se alimentar como criança. Se o jogo disse que assim a criança que está para nascer deverá ser iniciada, ela será, a não ser que os pais não queiram porque, ao final, quem decide é a família*”, explica.

4.10.3 – Respeitar os mortos e os vivos e aprender a conviver com as diferenças

“Educação aqui no terreiro, nada mais é que aprender a respeitar os que estão vivos e os que estão mortos, ou seja, a ancestralidade. Se não aprendemos isso, inclusive as crianças, também não seremos respeitados nem pelos vivos, nem pelos mortos”, resume Mãe Beata a respeito do significado do que as crianças aprendem no terreiro. E acrescenta: *“No terreiro as crianças crescem partilhando o amor, as coisas de seu egbé. Aprendem fundamentalmente a respeitar a ancestralidade. Essa é a formação de um omode quequerê, de uma criança pequena. Além disso, aqui respeitamos todas as diferenças e isso é partilhado desde sempre com as crianças de nosso terreiro aprendem. Aqui ninguém discrimina a opção sexual de ninguém, ninguém discrimina negro ou branco, ninguém discrimina a mulher”,* revela Mãe Beata.

Ainda de acordo com Mãe Beata, todo primeiro sábado de cada mês a comunidade se reúne no barracão para aulas de ioruba e aulas sobre os fundamentos do candomblé. *“Fazemos o feijão de Oxóssi para agradecer o mês que está passando. Colocamos as oferendas para os patronos dessa casa que são Oxóssi e Xangô. Nesses dias, temos aulas também dos cânticos e suas traduções para sabermos o que estamos dizendo aos nossos orixás”,* revela a Mãe-de-santo, dizendo também que ela própria e seus filhos são os responsáveis pelas aulas, além de outros filhos-de-santo que colaboram. Adailton de Oliveira, filho carnal de Mãe Beata é Babá egbé (pai da sociedade ou comunidade). De acordo com ele, nesses encontros, toda a comunidade se reúne, crianças e adultos, mas as crianças não são obrigadas a frequentar as aulas. *“São reuniões para falar do candomblé e também para resolver questões políticas e problemas na comunidade”,* explica o filho-de-santo, reforçando, porém que nesses dias, as crianças circulam pelo terreiro, mas participam se quiserem.

4.10.4 – Respeito às diferenças das casas

O candomblé é uma tradição mantida através da oralidade. Mãe Beata não vê, contudo, contradição entre os inúmeros livros que escrevem a história da religião, inclusive, descrevendo muitos de seus rituais. *“Eu não sou contra a cátedra os livros, não sou contra a academia, não sou contra os pesquisadores. Sou contra as deformações que alguns pesquisadores fazem do candomblé. Certo ou errado, o que te digo aprendi no meu axé e quero que você escreva do jeito que estou falando. Eu sou contra você sair daqui e escrever do jeito que você quiser”*, avisa. Para ela, também é natural que ocorram diferenças no que é praticado em diferentes terreiros. *“Cada casa tem direito de manter sua sociedade como pode e como aprendeu. Na minha casa é assim. Na casa de Palmira, por exemplo, pode ser de outra maneira. Se um dia eu chegar lá e um orixá estiver vestido de modo diferente de como os orixás se vestem aqui no meu terreiro, penso que tanto está certo lá como aqui. Lá é a casa dela e aqui é a minha casa. Esse respeito às diferenças devia ser ampliado para todo mundo”*, afirma a yalorixá, acrescentando ainda que seu filho Adailton já foi indicado para substituí-la. *“Quando Olorun e Iemanjá me chamarem do ayê de volta para Orun, Adailton assumirá e será babalorixá. Os orixás já disseram e estou muito tranqüila. Cumprir minha missão”*, concluí. Julguei necessário falar um pouco de Mãe Beata e de seu terreiro antes de apresentar as próximas crianças.

4.10.5 – Uma menina de Obaluaê e Noam de Oxalá³⁴ *As crianças de Mãe Beata*



Noam de Oxalá, neto de Mãe Beata

Conheci Adailton Moreira Costa, 39 anos, na tarde do dia 12 de setembro de 2003. Adailton é filho carnal de Mãe Beata, Mãe-de-santo, do terreiro Ile Omiojuaro, em Miguel Couto³⁵, na Baixada Fluminense. A conversa com Adailton

³⁴ O grande Orixá, colocado acima de todos os outros no panteão dos orixás.

³⁵ Procurei este terreiro e entrevistei algumas crianças, pais e a própria Mãe de Santo porque nesta casa, as crianças são iniciadas a partir de um mês de idade.

foi mais um presente. Com ela, obtive autorização para freqüentar este outro terreiro e também ouvi a história de sua filha. Adailton me contou a menina³⁶ nasceu bastante doente e foi Obaluaê quem a salvou. *“Ele desceu no terreiro através de minha irmã e disse que minha filha era dele e que se a iniciássemos nele, Obaluaê a salvaria”*, revelou Adailton. Prometida a Obaluaê, a criança saiu do hospital em sete dias, foi iniciada com cerca de um mês de idade e se tornou a criança linda e inteligente que é hoje. De acordo ainda com Adailton, que é homossexual e cria a filha com seu companheiro (pai biológico da menina), seu nome também foi revelado no jogo de búzios e em yorubá significa “a que veio para ser consolada com honras”. *“Ela não seria para nós, não ficaria em nosso meio, mas Obaluaê permitiu e por isso, ela precisa ser muito amada. Para que saiba que a queremos conosco”*, conta Adailton.

No dia seguinte a esta primeira conversa, eu conheceria o Ile omiojuaro e também teria a honra de ser apresentada a Mãe Beata. Teria ainda a alegria de conhecer a filha de Adailton, Noam e outras crianças do terreiro. Era festa de Obaluaê.

Cheguei ao terreiro de Mãe Beata na chuvosa noite de sábado, 13 de setembro de 2003 e fui recebida por Adailton. Antes de iniciar a festa para Obaluaê, fiquei pelo terreiro tentando observar as crianças que já havia notado. Aproximei-me de um menino, Noam Moreira Gomes, de 12 anos. Conversamos um pouco, mas antes de iniciarmos a entrevista, pedi que ele fosse até Adailton para verificar se ele realmente permitiria que eu começasse as entrevistas com as crianças já ali naquele momento. Noam voltou rapidamente com o consentimento e nos sentamos no terreiro para a entrevista.

Noam me disse que era filho de Oxalá e que havia entrado para o candomblé por ser a tradição de sua família, mas principalmente, por amor aos Orixás. *“Toda minha família é iniciada e eu resolvi entrar para o candomblé. Eu gosto do candomblé, amo o culto aos Orixás, amo os Orixás e tenho orgulho da minha religião. Minha iniciação foi inesquecível”*, afirmou Noam, iniciado há dois anos. No meio da conversa, quando Noam me explicava que durante a iniciação

³⁶ Cujo nome, a pedido dos pais, permanecerá em sigilo.

não se pode comer hambúrguer, por exemplo, e o inhame faz parte da dieta mais adequada, outras crianças se aproximaram e Adailton também trouxe sua filha pela mão. Ele a deixou comigo sem dizer uma palavra e saiu para que pudéssemos conversar. Pouco depois ele me apresentaria a sua mãe que me acolheu com extremo carinho e gentileza.

A filha de Adailton é doce, tímida e muito inteligente. Estava incomodada porque um dentinho da frente estava prestes a cair. Ela conversava comigo com a mão balançando o dente sem coragem para arrancá-lo, mas torcendo para que ele caísse. A menina passaria o resto da noite (até onde agüentou ficar acordada) dançando timidamente na roda, comendo a comida do orixá e balançando o dentinho.

Na conversa, ela me contou que é iniciada desde que nasceu e que, assim como Noam, gosta muito de sua religião. Também me disse que era filha de Omolú com Oxóssi. E eu perguntei: “Mas você não é filha de Obaluaê?” “É, Omolú com Oxóssi”, respondeu. “Mas então Omolú é a mesma coisa que Obaluaê?” perguntei outra vez. “É..É..É!!!” respondeu com muita firmeza, revelando um pouco de impaciência e surpresa com a minha ignorância.

Ao iniciar a festa, pude ver Noam atuar com muito empenho em várias atividades. Ele dançou, cantou, tocou atabaque, ajudou aos adultos em várias funções. Vi, durante toda noite em seus olhos e em seus gestos, o orgulho que ele sente de ser filho de Oxalá.

4.11 – O culto aos égúns

Lembremos aqui da fala de Jailson de Oxumaré: “São dois tipos de culto dentro do candomblé. Um de lésè orixá e outro de lésè egún, que cultua os ancestrais, os espíritos de nossos mortos”. Santos também explica que enquanto Irúnmalè³⁷-entidades divinas, os òrisà, estão sempre associados à origem da criação e sua própria formação e seu àse foram emanações diretas de Olórun, os

³⁷ Santos utiliza o termo Irúnmalè para designar todas as entidades sobrenaturais, quer se trate dos òrisà quer dos ancestrais. (Santos, 1975, p.102).

Irúnmalè-ancestres, os égúns estão associados à história dos seres humanos (Santos, 1975, p.102). Lembremos também da fala de Ricardo de Xangô: “*No candomblé tudo é duplo. Cultua-se a vida, daí o culto aos orixás, mas também se cultua a morte, daí o culto aos égúns*”.

Santos evidencia bem a separação dessas entidades em duas categorias definidas e distintas. De um lado, explica, estão os òrisá, entidades divinas, e de outro, os ancestrais, espíritos de seres humanos. A pesquisadora ressalta ainda que as práticas litúrgicas, as instituições, os sacerdócios e os tipos de organizações são bastante diferentes nos terreiros lésè-égún e nos terreiros lésè-òrisà.

Cada liturgia tem seus fundamentos esclarecidos no corpo dos Odú, nos textos rituais e, principalmente, na prática ritual. Qualquer que seja o prestígio de um égún, ele nunca será cultuado junto aos òrisá. Reciprocamente, o fato de que um òrisà se manifeste em sua adósu – sacerdotisa iniciada no culto dos òrisá – quando de um festival de égún constitui uma razão suficiente para suspender a cerimônia até que sejam tomadas providências para “despachar” o òrisá. (Santos, 1975, p.103).

Ainda de acordo com Santos, para os nagôs, assim como nossos pais são nossos criadores e ancestrais concretos e reais, os òrisà são nossos criadores simbólicos e espirituais, nossos ancestrais divinos. “*Assim cada família considerará um determinado òrisà como o patriarca simbólico e divino de sua linhagem, sem o confundir com seu ou seus égún, patriarcas e genitores humanos, cultuados em “assentos”, em datas e de formas bem diferenciadas*”. (op.cit.,p.104).

Felipe dos Santos, de 8 anos, é sacerdote do culto aos égúns desde os 5 anos. É desse menino franzino, esperto e muito, muito levado que falarei agora.

4.11.1 - Felipe, sacerdote do culto aos égúns desde os 5 anos



Felipe, aos 8 anos.

A primeira vez que ouvi falar de Felipe dos Santos foi na casa de Jailson, durante uma de nossas entrevistas. Jailson, como já vimos, me contou o que é ser omoisan e disse estar se preparando para ser ojé, um posto mais alto no culto dos egúns. Foi nessa tarde de sábado, em agosto de 2004, que Jailson comentou: *“Você precisa conhecer o Felipe, ele já é ojé, um alto sacerdote e só tem 8 anos”*. De lá para cá, não via a hora de conhecer Felipe.

A negociação para a entrevista levou algum tempo. Se o culto de lésè orixá é cercado de segredos, o culto de lésè égún é quase impenetrável. Na verdade, quem conseguiu marcar o encontro foi Vinícius Andrade, filho-de-santo de Mãe Palmira. Assim, na tarde de domingo, 12 de dezembro, chegamos à casa de Babá³⁸ Onilá, um dos mais tradicionais e raros terreiros de culto a égún do Rio de Janeiro.

Pedro Roberto dos Santos, 34 anos e Jaciara dos Santos, 38 anos, são os pais de Felipe. O fundamental do culto ao égún, me explica Roberto, é manter a tradição do culto aos mortos. *“Os orixás estão vivos. Os égúns estão mortos, mas vêm ao terreiro para receber as oferendas e conversar com os descendentes vivos. Os ojés são os responsáveis por fazer esse contato.”* diz Roberto. O dono desta casa é Babá Onilá, o égún do avô de Roberto e, uma vez por ano, no último sábado de julho, acontece sua festa, com a presença, inclusive, de importantes sacerdotes do culto na Bahia. Nesse terreiro só acontecem duas festas por ano. Além dessa, de Babá Onilá, em abril, há também a festa de Babá Nilêow, em que sai o presente para Oxum.

Roberto, que é ojé há 20 anos, relata que Felipe foi “apontado” ojé, aos dois anos de idade, por um égún da Bahia, Baba *Agboulá*, segundo ele, chefe de todos os égúns. A ordem desse égún, diz Roberto, foi que iniciassem Felipe porque ele teria uma função muito importante a desempenhar no culto. Felipe, desde cedo, aceitou com alegria, a determinação do égún. Quem não se conforma até hoje é Paulo dos Santos, 14 anos, filho mais velho de Roberto que deseja muito ser ojé e não entende porque seu irmão mais novo foi o escolhido. *“Eu ainda tenho*

³⁸ Pai

esperanças”, confessou Paulo, mas que, assim como seus pais e Felipe, também acha que ordem de *égún* é para ser obedecida.

Felipe, aos 4 anos, fez suas obrigações de *omoisan*. Com esse posto, ele mesmo me explica o que fazia: “*Eu segurava o isan, a vara, e impedia que a roupa do égún encostasse nos vivos durante as cerimônias*”, conta o sacerdote. E o que acontece se encostar? Perguntei. “*Queima a pessoa*”, respondeu Felipe. “*E pode até matar*”, completa. Aos 5 anos, o menino se confirmou *Ojé*.

Para ser iniciado *ojé*, durante uma cerimônia, o *egún* vem ao barracão chama, no caso, Felipe e seus pais. “*Aí o Babá passa o que foi enviado da Bahia para cá e entrega o isan ao novo sacerdote*”, diz Roberto. Felipe então já podia não apenas defender as pessoas do *égún* e mostrar os limites para o morto. Ele agora podia convocar o morto, ajudar a controlá-lo durante sua estada entre os vivos e pedir para que ele fosse embora das festas. Tudo isso usando a vara ritual, o *isan*, que também o protege do *égún*. Esta vara longa e fina é feita de *biriba*, uma árvore encontrada na Bahia. “*O isan é de biriba ou de pau-ferro. Senão ela não agüenta os golpes que o ojé precisa dar no chão para controlar o égún*”, explica Roberto.

Na obrigação para *ojé*, nesta casa, o recolhimento é de 7 dias sem sair do terreiro e tomando banho de folhas especiais, de *Xangô* (*pára-raio*, abre caminho, *cana do brejo*), por exemplo. Pode-se comer peixe e galinha também preparados especialmente. Ocorre ainda o processo de *matança* onde alguns animais são sacrificados para despachar o *Exú*, conta Roberto. Despachado o *Exú*, canta-se para os demais *orixás* e começa o culto ao *égún*. Felipe foi levado para fora do barracão e banhado com ervas especiais. Depois disso, dois *ojés* mais velhos levaram o menino para o *igbó*, o quarto do *égún*. Claro, a partir daí, tudo é *awô* (segredo).

A mãe de Felipe aprova a função do filho. “*No começo eu chorava porque tinha muito medo do égún machucar meu filho que era tão pequenininho*”, mas depois vi que ele dava conta e me acalmei”, revela Jaciara orgulhosa e emocionada.

E parece que Felipe dá mesmo conta. “*Eu falo com o égún e digo para as pessoas os recados que o égún manda dizer*”. Perguntei se Felipe alguma vez sentiu medo dos égúns. “*Não, nunca senti*”, disse.



Da esquerda para a direita: Jaciara (mãe), Felipe, Roberto (pai) e Paulo (irmão). A família está em frente à casa de Babá Onilá, em Belford Roxo, um dos mais tradicionais e raros terreiros de culto a égún do Rio de Janeiro. Na foto, falta Fernanda, 13 anos, irmã de Felipe e que não estava em casa nesse dia.

4.12 - Um encontro, uma reconciliação

Nunca se sabe quando nem o quê é capaz de abrir em nós algumas portas trancadas por onde o passado volta. No começo desse trabalho disse que também eu seguiria aqui inventariada. Ando me perguntando de quê são feitas as letras porque acho que de tintas não são. Penso que letras são feitas de carne, espírito e ossos e constituem-se inteiros corpos. Letras são pessoas.

No dia 11 de novembro de 2004 voltava com Vinícius de uma visita ao terreiro de Mãe Palmira. Conversávamos no carro quando ele me perguntou se eu jamais havia freqüentado terreiro. Respondi que minha mãe foi do candomblé e também de umbanda e me levava com ela aos terreiros que freqüentava quando eu era criança. Ele me olhou intrigado e me perguntou o que eu achava. Eu disse que não gostava. *“Me lembro de ser acordada à noite por minha mãe que me arrumava correndo e me levava com ela para um terreiro. Às vezes, nem era o que ela freqüentava, mas qualquer um, onde quer que ouvisse um tambor tocando”*, recordei.

Ele perguntou o que mais eu lembrava. Fechei os olhos e lembrei de um barracão de terreiro com o teto completamente enfeitado, colorido e os atabaques tocando muito alto. Lembrei também de acordar sozinha no meio da noite e, de repente, sem nenhuma explicação estar parada em frente à minha mãe que, “virada no santo”, me rezava. Disse que não entendia como minha mãe que não gostava sequer de bebida, ao “receber santo” tomava um litro de aguardente e, quando “o santo subia” ela estava sóbria e sem qualquer vestígio da bebida. Concluí minhas lembranças dizendo que minha mãe se convertera e se tornara cristã e evangélica até o fim de seus dias. *“A macumba é coisa do Diabo. Eu estava perdida minha filha e Deus me salvou”*, dizia ela.

Depois de me ouvir atentamente Vinícius me disse: *“Então você também é.”* “Sou o quê?” perguntei. *“Uma criança de terreiro”*, respondeu ele. Neguei, disse que era absurdo. Ele insistiu dizendo que durante muito tempo eu freqüentara terreiros, que ficava na assistência, no quintal, no barracão, como as crianças que pesquiso. E mais, disse que essa pesquisa era produto inclusive dessa minha

experiência. Eu continuei negando, reafirmei que não fazia sentido e passei o resto da viagem calada e meio atordoada. Tempos depois tive um sonho.

Sonhei que eu andava nos terreiros que minha mãe me levava. Lembrei os nomes dos orixás que ela recebia. Revi as roupas de santo que ela mesma fazia, passava e engomava, todas bem perfumadas. Vi minha mãe alegre preparando uma conta nova. Ouvi sua voz cantando para Oxum, de quem era filha, enquanto arrumava a casa. De repente vi uma criança sentada no barracão e fui até ela. Toquei seu ombro e quando ela virou vi que era eu mesma, ainda pequena. Acordei chorando e assumindo enfim, para mim mesma, o que já havia entendido no carro, mas me recusava a aceitar. Vinícius tinha razão, fui uma criança de terreiro e, de alguma forma, o que segue nessa pesquisa vai impregnado por esse fato. Naquela noite encontrei a mim mesma, criança, no terreiro e me reconciliei com a criança de terreiro que fui.